

## Roteiro de leitura: *Memorial do Convento*, José Saramago.

Versão *book creator*:

<https://app.bookcreator.com/read/n6aKo0qkTIOrvH8gOt5KkA/LfWcVrnSSNulPpThn09jcQ?from=editor>

Beatriz Stöcker Bizetto



Ilustrações: Henrique D'Ávila Soares e Mariana Céu Santana



# ROTEIRO DE LEITURA: *MEMORIAL DO CONVENTO*, JOSÉ SARAMAGO.



[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)

Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.



**Ministério da Educação**  
**Universidade Tecnológica Federal do Paraná**  
**Campus Londrina**



BEATRIZ STOCKER BIZETTO

**MEMORIAL DO CONVENTO: UMA PROPOSTA DE ROTEIRO DE LEITURA**

Trabalho de pesquisa de mestrado apresentado como requisito para obtenção do título de Mestre Em Ensino De Ciências Humanas, Sociais E Da Natureza da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Área de concentração: Ensino, Ciências E Novas Tecnologias.

Data de aprovação: 09 de Agosto de 2021

Prof Mauricio Cesar Menon, - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.a Marilu Martens Oliveira, - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof Suely Leite, Doutorado - Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 09/08/2021.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	5
<b>1 CONTEXTOS</b> .....	7
1.1 PERFIL BIOGRÁFICO DE JOSÉ SARAMAGO .....	7
1.1.1 Infância Humilde .....	8
1.1.2 O Interesse pela Leitura.....	9
1.1.3 A Iniciação Escolar.....	9
1.1.4 A Descoberta .....	9
1.1.5 A Continuidade dos Estudos .....	10
1.1.6 Saramago e suas Mulheres .....	10
1.1.7 Primeira Publicação .....	11
1.1.8 Tempo de Trabalho .....	12
1.1.9 Novas Publicações.....	13
1.1.10 Transformações Ideológica nas Narrativas .....	14
1.1.11 A Publicação de <i>Memorial do Convento</i> .....	14
1.1.12 Premiações e o Nobel .....	16
1.1.13 A Amizade com Jorge Amado.....	17
1.1.14 Deste Mundo e de Outro – A Morte de José de Sousa Saramago.....	19
1.2 O ESTILO SARAMAGUIANO .....	20
1.2.1 A Técnica Narrativa .....	21
1.2.2 O Diálogo com outras Obras e outros Autores .....	22
<b>2 A CONSTRUÇÃO DO CONVENTO DE MAFRA</b> .....	27
2.1 A HISTÓRIA REAL.....	27
2.2 NOS DIAS ATUAIS .....	31
2.3 A PASSAROLA.....	33
2.4 OS HERÓIS.....	34
<b>3 O ENREDO DE <i>MEMORIAL DO CONVENTO</i></b> .....	34
3.1 INTENÇÕES DO NARRADOR E A HISTÓRIA.....	34
3.2 UM RECORTE - A RELAÇÃO ENTRE O REI E OS CONVENTOS.....	36
3.3. O ENCONTRO DE BALTASAR SETE-SÓIS E BLIMUNDA DE JESUS ....	36
3.4 SEGREDO REVELADO .....	37
3.5 O INÍCIO DA PASSAROLA .....	37
3.6 BALTASAR E BLIMUNDA AGUARDAM A VOLTA DE PADRE BARTOLOMEU LOURENÇO .....	38
3.7 AS VONTADES.....	38
3.8 O QUARTO ELEMENTO.....	38
3.9 O SONHO NO CÉU.....	39
3.10 NAS OBRAS DO CONVENTO.....	40
3.11 “A OBRA É LONGA, A VIDA É CURTA” .....	41
3.12 O DESTINO DE BALTASAR SETE-SÓIS .....	41
.	
<b>4. A ESTRUTURA DA OBRA</b> .....	42
4.1 DIVISÕES .....	42
4.2 GÊNERO LITERÁRIO .....	42
4.3 FOCO NARRATIVO .....	43
4.3.1 Um Narrador Inusitado .....	43
4.4 O ESPAÇO .....	45

4.5	O TEMPO .....	47
4.5.1	O tempo da Narrativa e o Tempo Histórico .....	47
4.5.1.1	A procissão .....	47
4.5.1.2	O voo da passarola.....	47
4.5.1.3	Quando Blimunda reencontra Baltasar.....	48
4.5.1.4	Da morte de padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão.....	48
4.5.1.5	A guerra de Sucessão .....	48
4.5.2	O Tempo do Narrador e o Tempo Histórico .....	49
4.5.2.1	A construção do convento.....	49
4.5.2.2	A experiência de padre Bartolomeu.....	49
4.5.2.3	Atração turística .....	50
4.5.2.4	Invasão francesa.....	50
4.5.2.5	A sagração da basílica .....	51
4.6	AS PERSONAGENS .....	51
4.6.1	As Personagens Históricas .....	51
	Bartolomeu Lourenço de Gusmão.....	51
	Domenico Scarlatti .....	52
	D. Francisco, infante de Portugal .....	52
	D. João V .....	52
	João Francisco Ludovice .....	52
	Maria Ana Josefa .....	52
	D. Maria Bárbara .....	53
4.6.2	As Personagens Fictícias .....	53
	Álvaro Diogo .....	53
	Baltasar Mateus ou Sete-Sóis.....	53
	Blimunda de Jesus ou Sete-Luas .....	53
	Francisco Marques .....	54
	Inês Antônia .....	54
	João Elvas.....	54
	João Francisco Mateus .....	54
	José Pequeno .....	54
	Julião Mau-Tempo .....	55
	Manuel Milho .....	55
	Marta Maria .....	55
	Sebastiana Maria de Jesus .....	55
<b>5</b>	<b>CURIOSIDADES .....</b>	<b>55</b>
5.1	À SEMELHANÇA DE ÍCARO .....	56
5.2	A TRINDADE TERRESTRE .....	56
5.3	O NÚMERO SETE .....	57
5.4	O RITUAL DE CASAMENTO .....	57
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>59</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>61</b>

## INTRODUÇÃO



O nome José Saramago já era conhecido por mim, porém jamais havia lido uma obra sequer do autor, embora gostasse da literatura portuguesa. Ouvia sobre a dificuldade em entender suas narrativas, devido à complexidade de sua escrita literária, estilo bastante peculiar, como regras sintáticas próprias e discurso direto ligado ao indireto, sem uso de pontuação convencional. Porém o estranhamento desaparece à medida com que nos habituamos à leitura e somos cingidos pelo romance.

Fui apresentada à obra *Memorial do Convento*, no ano de 2019, durante meu mestrado na UTFPR – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, em Londrina, no Paraná, por meio do meu orientador, a fim de produzir este roteiro como produto final da dissertação. E, imediatamente, apaixonei-me pela composição do romance. Trata-se de uma narração baseada em uma edificação real, o Convento de Mafra, em Portugal, permeada pela fantasia, pelo místico em torno de relevantes personalidades históricas e de outras, invisíveis à história, mas que no romance, são alçadas a categorias de destaque.

*Memorial do Convento*, que inicialmente se chamaria O Convento, consagrou Saramago na literatura portuguesa e internacional, com mais de dez edições e 50 mil exemplares vendidos em apenas dois anos, segundo João Marques Lopes, no livro *Saramago - biografia*. (2010)



Durante as pesquisas a respeito do autor, como sua biografia, entrevistas,

sobre a obra em si, a percepção foi a de um homem de personalidade forte e com uma visão racional do mundo. Ao analisar seus textos, encontrei sentenças, cujas leituras soavam como poesia, revelando a faceta de um homem sensível.

Em uma entrevista concedida a Carlos Reis, professor da Universidade de Coimbra e especialista em Literatura Portuguesa dos séculos XIX e XX, José Saramago expressou-se sobre os sinais deixados ou não pelas pessoas:

O que eu quero é que se note nos meus livros que passou por este mundo (valha isso o que valer, atenção!) um homem que se chamou José Saramago. Quero que isso se saiba, na leitura dos meus livros; desejo que a leitura dos meus livros não seja a de uns quantos romances acrescentados à literatura, mas que neles se perceba o sinal de uma pessoa. (REIS, 2018, p.87)

Este Roteiro de Leitura contempla um conjunto de elementos como o resgate da História, propriamente dita, analisada no plano do fictício, tal como a construção do que hoje se convencionou chamar “Palácio Nacional de Mafra”, assim como a presença de recursos míticos e um conjunto de personagens atípicos que figuram como heróis da história.

Vale ressaltar que *Memorial do Convento* caracteriza-se como um romance histórico diferente dos outros, em que a história se estabelece apenas como pano de fundo; neste romance, o escritor se baseou em fontes históricas oficiais, entretanto desconstruiu fatos e personagens reconhecidos e autênticos, conscientemente, utilizando-se da ficção.

Exige-se, portanto, uma atitude mais comprometida do leitor, pois ele percebe que há uma manipulação na narrativa. Assim, é conduzido a verificar as verdades sobre a História, mostrando que ela pode ser diferente daquela que conhece.

Espero que neste roteiro o leitor possa se sentir curioso para descobrir o que José Saramago tem a contar.

## 1 CONTEXTOS

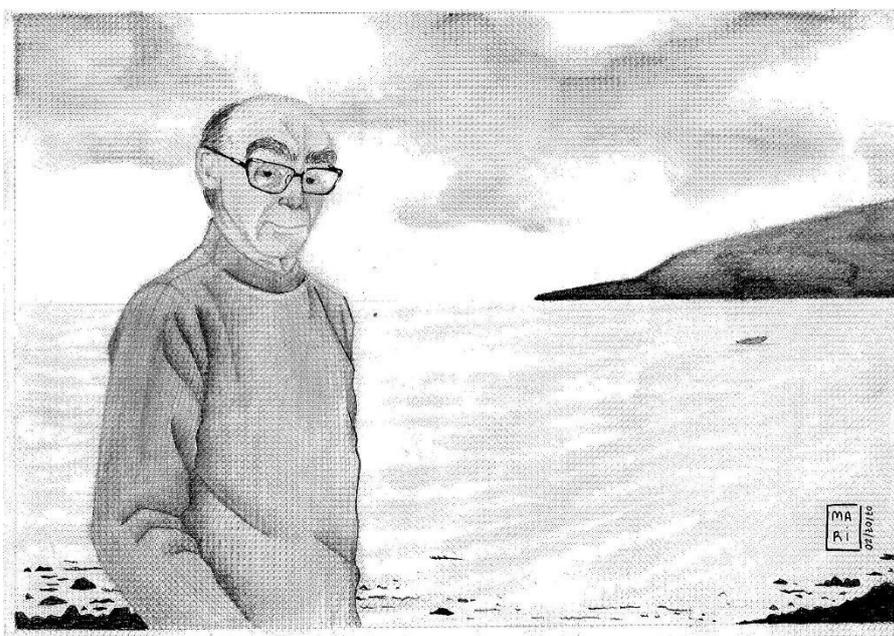
Para que haja entendimento sobre o autor, José Saramago, e suas obras, os tópicos que se seguem, contextualizam a vida do escritor desde a infância até o final de sua vida, a fim de compreender a sua relação com a escrita e, conseqüentemente, com a literatura.



### 1.1 PERFIL BIOGRÁFICO DE JOSÉ SARAMAGO

Era uma vez um homem controvertido, dizia exatamente o que pensava, sem se preocupar em agradar alguém. José Saramago acreditava que as pessoas gostavam de que fossem honestas com elas.

Concedeu várias entrevistas e, mais que isso, publicou *Cadernos de Lanzarote*, um conjunto de cinco diários, contando sobre sua vida entre os anos de 1993 e 1995. Em 2018, oito anos após a sua morte, foram encontrados escritos no seu computador sobre o ano de 1998, quando recebeu o prêmio Nobel de Literatura, somando um conjunto de seis diários.



Este último figura como *O Último Caderno de Lanzarote*, o diário do ano do Nobel. Lançado em 8 outubro de 2018, exatos vinte anos após a premiação do Nobel

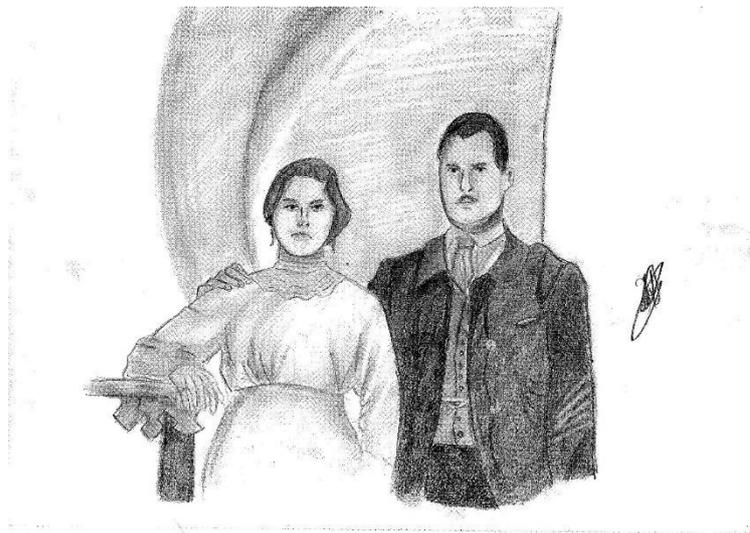
em 8 de outubro de 1998. Quanto ao ateísmo: "Sou um ateu com uma atitude religiosa e vivo muito em paz". (SARAMAGO *apud* AGUILERA, p.32, 2010) Saramago era o que queria ser.

### 1.1.1 Infância Humilde

José de Sousa nasceu em 16 de novembro de 1922 na aldeia de Azinhaga, concelho ribatejano da Golegã, em Portugal. Foi somente registrado um mês depois, porque o pai se encontrava a trabalho fora, e, para que não houvesse multa por registro fora do prazo, consta oficialmente nascido em 18 de novembro do mesmo ano.

Era filho de José de Sousa, jornaleiro, e de Maria da Piedade, dona de casa. A mãe era analfabeta, como boa parte da população na década de 20 e 30 e poucas crianças eram alfabetizadas na época.

Quando o escritor tinha dois anos de idade, mudou-se com os pais para Lisboa, onde o pai conseguiu emprego na Polícia de Segurança Pública. Neste mesmo tempo, morre seu irmão Francisco aos quatro anos de idade de broncopneumonia, o que lhe custou a indiferença da mãe e a comparação com o irmão.



José de Souza e Maria da Piedade – 1920

Passava temporadas na casa dos avós maternos, Jerônimo e Josefa, na antiga aldeia na qual morara. Brincava no campo, com os pés descalços, ajudava no trabalho com os animais, subia em árvores, feitos comuns de moleque. Os avós sobreviviam da criação de porcos.

Viviam desta escassez os meus avós maternos. [...] Naquela idade minha e naquele tempo de nós todos, nem será preciso dizer que eu imaginava que meu avô Jerônimo era senhor de toda a ciência do mundo. [...] Minha avó, já a pé antes do meu avô, punha-me na frente uma grande tigela de café com

pedaços de pão e perguntava-me se tinha dormido bem [...] (LOPES, 2010, p.20-21).

### 1.1.2 O Interesse pela Leitura

Começou a se interessar pelo cinema ainda cedo. Sempre que podia, assistia a filmes no cinema e adorava escutar enredos de outros que não havia visto. As histórias o fascinavam.

Dos livros, conhecia-os, apenas, porque sua mãe emprestava de amigos, a fim de que ele pudesse ler. Um dia, ela resolveu que o filho deveria ter um livro, quando fosse passar as férias com os avós. Embora sem condições financeiras, levou-o a uma papelaria e pediu que ele escolhesse. Por conta da timidez em entrar em um estabelecimento público, decidiu logo de modo aleatório. Era seu primeiro livro.

Dali começou a frequentar bibliotecas antes de ir para casa. Tornou-se um autodidata na literatura, passou a ler Fernando Pessoa, Camões, Eça de Queirós, Miguel de Cervantes entre outros, até começar a escrever seus próprios textos.

### 1.1.3 Iniciação Escolar



José Saramago com oito anos.

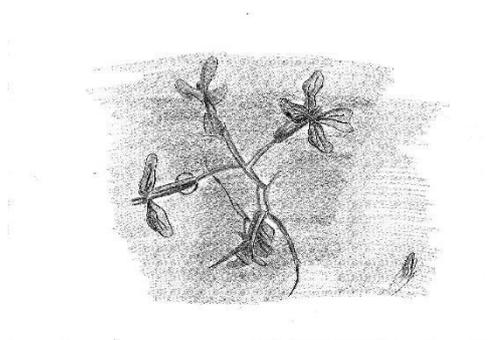
Apesar das dificuldades econômicas, os pais se desdobraram em custear seus estudos. Por conseguinte, com sete anos de idade, matricularam-no na Escola Primária, localizada na Rua Martens Ferrão, onde cursou apenas o ano de 1930. Em seguida, estudou de 1931 a 1932 no Largo do Leão, conquistando a façanha de concluir a segunda e a terceira séries em um único ano.

### 1.1.4 A Descoberta

Quando seu pai fazia sua matrícula na Escola Primária, no ano de 1930, precisou requerer a certidão de nascimento do filho. A revelação de que o escritor se chamava, na verdade, José de Sousa Saramago, causou uma irritação muito grande no

pai. O cartorário havia acrescentado Saramago no sobrenome, sem o consentimento do mesmo.

A família de José de Sousa Saramago possuía essa alcunha devido a uma planta ou erva do mesmo nome, que nasce como praga nos campos, e correspondia a um sentido pejorativo à família entre os vizinhos da aldeia natal. Elas são comuns em áreas portuguesas e até comestíveis. Medem em torno de 80 cm de altura, têm caules retos, as folhas são serreadas nas bordas e as flores têm pétalas brancas e amarelas com nervuras violáceas.



Raphanus raphanistrum crucífera (saramago)

O autor afirma que agradece ao escriturário por esse "lapso", "porque, se eu vinha a ser um escritor, tenho que dizer que não usaria como escritor, o nome de José de Sousa."(AGUILERA, 2010, P. 91).

#### 1.1.5 A Continuidade dos Estudos

Completo seus estudos no Ensino Técnico Escola Industrial de Afonso Domingues, pois seus pais não tinham mais como pagar por eles. O curso era de serralheira e mecânica e, conseqüentemente, estava em meio a ferramentas em oficinas. As matérias básicas, como Português, Matemática, História estavam em segundo plano. Não abandonou os livros, porque havia a disciplina de Literatura no curso, o que o levou ao mundo da ficção. Acabou por se tornar um autodidata.

#### 1.1.6 Saramago e suas Mulheres

José Saramago casou-se em 1944 com a artista plástica Ilda Reis, com quem teve uma única filha, Violante Reis Saramago. Em 1970, depois de vinte e seis anos, separaram-se. No mesmo ano, o escritor inicia um relacionamento com a escritora Isabel da Nóbrega, a musa dos seus romances, aquela que lhe abriu os olhos para o

nome da personagem, Blimunda, em *Memorial do Convento* e que insistiu para que ele conhecesse Mafra. Viveram juntos de 1970 a 1986. E, por vontade dela, nunca se casaram. Na primeira edição do romance, publicado em 1982, José Saramago escreve: “À Isabel, porque nada perde ou repete, porque tudo cria e renova”.<sup>1</sup>

A relação entre eles acabou e nunca mais vieram a se conversar. As dedicatórias foram retiradas das edições seguintes do romance.

Em 1986, conheceu a jornalista e tradutora espanhola, Pilar Del Rio, uma fã vinte nove anos mais nova. Esta se encantou com o romance *O ano da morte de Ricardo Reis*, e, em seguida, com *Memorial do Convento* e resolveu ir a Lisboa para conhecê-lo. Casaram-se em 1988 e ficaram juntos até o fim em 2010, no ano da morte do escritor.



José Saramago, Ilda Reis e a filha, Violante, em 1951 portuguesa.



Isabel da Nóbrega, escritora



Com Pilar Del Rio em 2009.

### 1.1.7 Primeira Publicação

No ano de 1947 publica, pela Editora Minerva, o primeiro romance, *Terra do Pecado*, cujo título era *A Viúva*, mas foi mudado por ideia do diretor da editora, pois era pouco chamativo.

<sup>1</sup> <https://observador.pt/especiais/isabel-da-nobrega-do-musa-saramago-apagou-da-historia/>

O livro recebeu algumas críticas, pois lembrava o romance realista de Eça de Queiroz, *O Primo Basílio*, porque as personagens de Saramago, Leonor e Benedita, assemelhavam-se à Luísa e Juliana, de Eça. Já alguns diziam que não era tão ruim assim e estava bem escrito.

Futuramente, depois de publicar romances que o consagraram no meio literário, Saramago confessa que não tinha maturidade de um escritor na época e não reconhece *Terra do Pecado* como seu.

#### 1.1.8 Tempo de Trabalho.

Desde a publicação de *Terra do Pecado*, em 1947, Saramago trabalhou em diversos empregos, como serralheiro mecânico, funcionário administrativo de hospitais, escriturário, escrevente e, foi neste tempo, em meados de 50, que começou a frequentar o meio literário e conhecer autores, como José Gomes Ferreira, Adolfo Casais Monteiro, Fernando Namora, entre outros.

Nessa época, trabalha, também, como tradutor, e de 1959 a 1971 é promovido a diretor literário da Editorial Estúdios Cor. Já era, então, familiarizado com o contexto cultural, o que lhe rendeu muitos contatos e colocações promissoras. Demitiu-se da editora, por problemas de transação administrativa que o deixaram descontente. Logo foi contratado como editorialista do *Diário de Lisboa* (1972-1973).

Em 1969, filia-se ao Partido Comunista Português (PCP), partido de oposição ao regime fascista.

Em 1975, o governo nomeou-o diretor adjunto do Diário de Notícias, um dos jornais de maior relevância na época.

É este o tempo em que os trabalhadores do Diário de Notícias, na sua grande maioria ativa e participante, avançam para a realização de um objetivo que naquela casa, até aí, haveria de ter parecido impossível, mesmo em horas de fantasia louca: pôr o jornal ao serviço das classes trabalhadoras, ao serviço do proletariado industrial e agrícola, ao serviço do socialismo, para tudo dizer numa palavra. (LOPES, 2010, p. 74-75).



### 1.1.9 Novas Publicações

Neste intervalo não deixou de escrever poemas, crônicas, contos que publicava em jornais e revistas. Em uma sequência de quase vinte anos, o autor retorna em 1966 com a publicação de *Poemas Possíveis* e, em 1970, com *Provavelmente Alegria*, ambos livros de poemas, este último surge dentro de um processo ainda de inovação, enquanto aquele corresponde a um período conturbado emocionalmente, preso ainda a estéticas neoclássicas.

O que se ressalta é o alargamento do escritor baseado em questões ideológicas, preocupado com causas humanitárias e, sobretudo, questões religiosas fortes que o levariam a escrever, futuramente, obras impactantes sobre o tema.

Consolida-se no romance em 1977, com *Manual de Pintura e Caligrafia*, livro que Saramago considera quase que autobiográfico. Pensou em uma personagem que vivesse uma história, porém contada de modo diferente, utilizando-se de elementos falsos e verdadeiros, e ao final, não se soubesse mais, com certeza, de quem se tratava. Assim como se deu com a descoberta de seu sobrenome aos sete anos de idade.

Publicou *Terra do Pecado* (1947), *Poemas possíveis* (1966), *Provavelmente Alegria* (1970), *Deste mundo e de outro* (1971), *A bagagem do viajante* (1973), *As opiniões que o DL teve* (1974), *O ano de 1993* (1975), *Os apontamentos* (1976), *Manual de pintura e caligrafia* (1977), *Objecto quase* (1978), *A noite* (1979), *Levantado do chão* (1980), *Que farei com este livro?* (1980), *Viagem a Portugal* (1981), *Memorial do Convento* (1982), *O ano de morte de Ricardo Reis* (1984), *A jangada de pedra* (1986), *A segunda vida de Francisco de Assis* (1987), *História do Cerco de Lisboa* (1989), *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991), *In Nomine Dei*

(1993), *Cadernos de Lanzarote. Diário – I* (1994), *Ensaio sobre a cegueira* (1995), *Cadernos de Lanzarote. Diário – II* (1995), *Cadernos de Lanzarote. Diário – III* (1996), *Todos os nomes* (1997), *Cadernos de Lanzarote. - Diário IV* (1997), *Cadernos de Lanzarote.- Diário V* (1998), *Folhas políticas 1976 – 1998* (1999), *Discursos de Estocolmo* (1999), *A caverna* (2000), *O homem duplicado* (2002), *Ensaio sobre a lucidez* (2004), *Don Giovanni ou o dissoluto absolvido* (2005), *As intermitências da morte* (2005), *As pequenas memórias* (2006), *este autobiográfico*, *A viagem do elefante* (2008), *Caim* (2009), *Cadernos de Lanzarote. – Diário VI* (2008), *em publicação póstuma*.

#### 1.1.10 Transformações Ideológicas na Narrativa

Doravante, José Saramago marcou suas narrativas pela denúncia social aos menos favorecidos, uma reflexão sobre as convicções da Igreja e a afiguração da mulher, na função de revelar os caminhos do amor, da força e dos valores ao homem.



Dentre muitas publicações, *Levantado do chão*, publicado em 1980, romance que tematiza sobre trabalhadores e a luta sobre a opressão, proporcionou ao escritor o Prêmio Cidade de Lisboa. Nasce, nesta obra, o "estilo saramaguiano" de escrever, a utilização de fatos históricos e um enredo que lhe rendeu críticas e elogios de leitores e do contexto cultural.

#### 1.1.11 Publicação de *Memorial do Convento*

Depois do lançamento de *Levantado do chão*, em 1980, José Saramago publica o romance *Memorial do Convento*, em quatro de novembro de 1982, conquistando uma projeção literária bem maior que o primeiro.

A obra foi escrita de janeiro a julho de 1982 e, até o fim da década, já havia sido traduzida em doze idiomas e editada em quinze países.

Antes de iniciar a escrita do mesmo, hospedou-se em uma pensão em Ericeira, vila turística que fica a 8 km da cidade de Mafra. Com regularidade, dirigia-se ao Convento de Mafra, a fim de coletar dados sobre o século XIII, período em que se dá a história do romance. Na biblioteca Nacional, lia obras, como as do padre Bartolomeu

Lourenço de Gusmão, examinava fontes e documentos sobre personalidades da época, entre elas, D. João V, rei de Portugal naquele tempo.

O romance recebeu vários prêmios e obteve tanto sucesso, que uma empresa cinematográfica dos Estados Unidos, ofereceu meio milhão de euros para que fosse adaptada ao cinema, contudo o escritor recusou a oferta.

Em maio de 1990, o compositor italiano, Azio Corghi, estreia uma versão de *Memorial do Convento*, intitulada Blimunda, no teatro alla Scala de Milão.

Em uma entrevista a Carlos Reis, quanto ao fato de não aceitar que a obra fosse adaptada ao cinema, ele responde:

[...], mas a verdade é que aceito mais facilmente que se teatralize um romance meu. [...] porque, de uma maneira ou de outra, ópera é teatro. [...] Portanto, o romance está a ser teatralizado, deixa-se noventa por cento daquilo que está a ser contado no livro e aproveita-se aquilo que tem valor dramático [...] (REIS, 2018, p.94).

E sobre a adaptação do romance ao cinema, reitera:

E provavelmente por esta razão: porque, no caso do cinema, que é muito mais uma narração do que o teatro, aspirar-se-ia a contar tudo aquilo que eu contei, deixando evidentemente de fora aquilo que é específico do romance que é o modo de narrar, o estilo, tudo isso. (REIS, 2018, p.94)

Entretanto, mesmo resistindo em ceder os direitos de seus livros para o cinema, em 2008, o escritor concorda com a versão cinematográfica de *Ensaio sobre a Cegueira* pelo diretor brasileiro Fernando Meirelles. Saramago assistiu ao filme ao lado do diretor, manteve-se mudo e sem reação o tempo todo. Ao final, virou-se, extremamente emocionado: “Fernando, depois de acabar de ver a esse filme, eu me sinto tão feliz como quando acabei de escrever *Ensaio sobre a Cegueira*”<sup>2</sup>

Quando delineou *Memorial do Convento*, tinha a ideia de falar sobre a construção do Convento de Mafra, mas descobriu, durante suas pesquisas, que havia um padre que sonhava construir uma máquina de voar. Foi aí que o romance tomou outra forma. O autor usou da ficção para criar situações baseadas na época. Desta maneira revisitou o passado histórico, acrescentando caracterizações, enriquecendo com detalhes da fantasia e do inusitado.

Por outro lado, a obra carrega marcas ideológicas e preocupações humanitárias, favorecendo os trabalhadores invisíveis do Convento de Mafra. o marceneiro, o serralheiro, o ferreiro, o pedreiro entre outros. Toda a mão-de-obra que levantou o monumento, localizado na cidade de Mafra em Portugal.

---

<sup>2</sup><https://www.cineclick.com.br/noticias/jose-saramago-aprova-ensaio-sobre-a-cegueira> (20/05/2008)

José Saramago se preocupava com as vidas que não deixaram sinal na História, aquelas que edificaram o convento de Mafra, trabalhadores que tornaram o monumento visível. Dessa maneira, o escritor os enumerou no livro de A a Z, a fim de colocar em primeiro plano, como se cada um deles representasse todos os nomes começados por aquela letra.

[...] ao menos deixemos os nomes escritos, é essa a nossa obrigação, só para isso escrevemos, torná-los imortais, pois aí ficam, se de nós depende, Alcino, Brás, Cristóvão, Daniel, Egas, Firmino, Geraldo, Horácio, Isidro, Juvino, Luís, Marcolino, Nicanor, Onofre, Paulo, Quitério, Rufino, Sebastião, Tadeu, Ubaldo, Valério, Xavier, Zacarias, uma letra de cada um para ficarem todos representados [...] (SARAMAGO, 2013, p. 270)

José Saramago os perpetuou na História por meio de um alfabeto de nomes aleatórios.

#### 1.1.12 Premiações e o Nobel

José Saramago recebeu premiações relevantes para sua carreira. No final de 1981, foi-lhe atribuído o Prêmio Cidade de Lisboa pelo livro *Levantado do Chão*.

*Memorial do Convento* ficou consagrado tanto em âmbito nacional (Portugal) e estrangeiro. Obteve premiações como o PEN Club Português e Literário do Município de Lisboa.

O PEN Club também concedeu prêmio ao romance *O ano da morte de Ricardo Reis*. A mesma recebeu o Prêmio Dom Dinis da Casa de Mateus.

Prêmio da Associação dos Portugueses no Estrangeiro (APE), em 1979, com a peça de teatro *A noite*.

Prêmio Camões, em 1995.

Em 1985, o Prêmio da Crítica pelo Conjunto da Obra.

*Evangelho Segundo Jesus Cristo* foi aclamado com o Grande Prêmio de Novela da Associação Portuguesa de Escritores em 1991.

Todos estes e outros foram concedidos em sua pátria natal. Outros aconteceram na Inglaterra, Itália e Suécia. Neste, alcançou a maior honra de sua carreira.

Em 1998, foi atribuído a José Saramago o Prêmio Nobel de Literatura, único autor da língua portuguesa a recebê-lo até então.



### 1.1.13 A Amizade com Jorge Amado.

José Saramago e Jorge Amado se conheceram em 1990, durante um júri, em Roma, para o qual foram convidados a participar. Iniciaram correspondências, faxes, telefonemas que hoje estão presentes em um livro trabalhado por Pilar Del Rio, esposa de Saramago, e Paloma Amado, filha do escritor baiano.

Durante cinco anos, de 1992 a 1997, os dois se corresponderam contando fatos íntimos, sobre a situação política, sobre a arte literária e, sobretudo, a ânsia em serem selecionados para receber, um dia, o Nobel de Literatura.

Prometeram-se, que se isso acontecesse, o outro seria o convidado de honra.



Jorge Amado e Saramago



As cartas revelam uma profunda amizade entre eles como se pode notar no trecho de uma delas:

Tias, 12 de fevereiro de 1993.

Querido Jorge: teria gostado de escrever-te para Morilla, mas pensei que regressarias a Paris depois do teu “turno”, e, portanto a Paris escrevo. Encontrei a tua carta numa passagem de dois dias por Lisboa, e devo dizer-te que me surpreendeu. Não a tua proposta, que é uma demonstração mais da tua amizade por mim e do carinho com que trata a portuguesa terra, mas eu é que não me imagino facilmente em me coudoyant com todas as sumidades que vão povoar essa Academia Universal das Culturas. [...] Já estamos instalados em Lanzarote, numa casa a que chamei “A Casa”, e onde espero receber-vos um dia. Pensem nisso. Beijos meus e da Pilar para a Zélia. Para ti, o grato e grato abraço do José.<sup>3</sup>

Quando Saramago recebeu a indicação para o Nobel, Jorge Amado estava muito depressivo e, também, cego. Zélia, sua esposa, aproximou-se dele e disse que seu amigo José receberia o prêmio. Em um ímpeto, o escritor baiano se levantou e chamou pela filha, pedindo que lhe escrevesse uma carta que ditaria.

Foi a última carta de Jorge Amado a José Saramago, como também não compareceu à solenidade do Nobel por problemas de saúde.

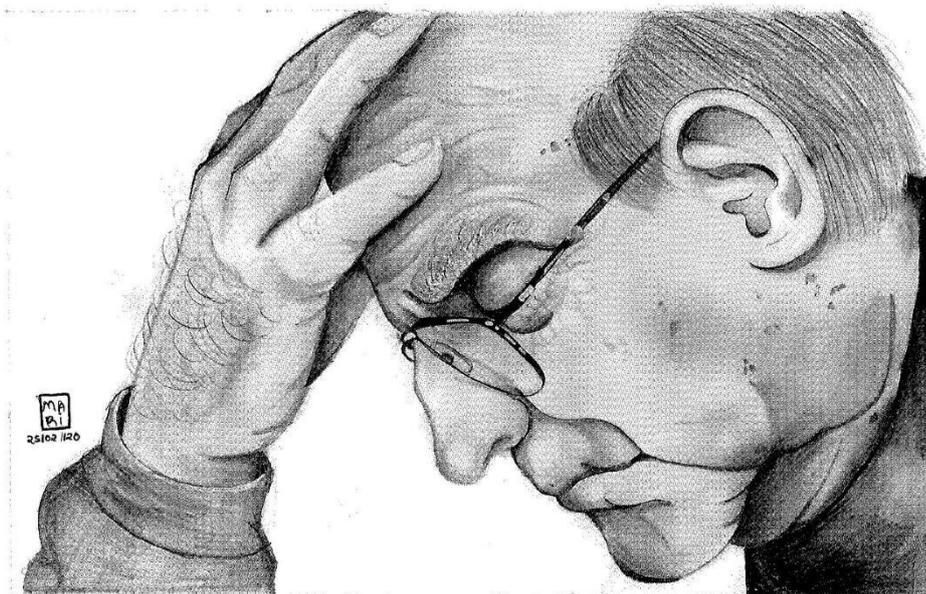
<sup>3</sup> <https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/14390.pdf>

#### 1.1.14 Deste Mundo e do outro<sup>4</sup> - A Morte de José de Sousa Saramago.

O literato, José Saramago, afirmava que para conhecê-lo, fazia-se necessário ir às suas crônicas e atestar que, o escritor da década de 70, possuía a mesma sensibilidade e a mesma percepção das coisas do contemporâneo. Dos poemas às crônicas e aos romances, das mulheres de sua vida às da ficção, dos amigos às militâncias políticas e de um homem a um escritor e, a posteriori, um Nobel.

José de Sousa Saramago faleceu em 18 e junho de 2010, vítima de leucemia, aos 87 anos de idade, em Lanzarote, nas Ilhas Canárias, na Espanha.

"Deste mundo ou de outro", suas obras são atemporais, instigantes, dilacerantes, sensíveis, fortes; singulares no estilo, criativas, autoconscientes do seu trabalho entre a História e a ficção; elas são marcadas pela ideologia, por valores, muitas vezes, audaciosos e impactantes.

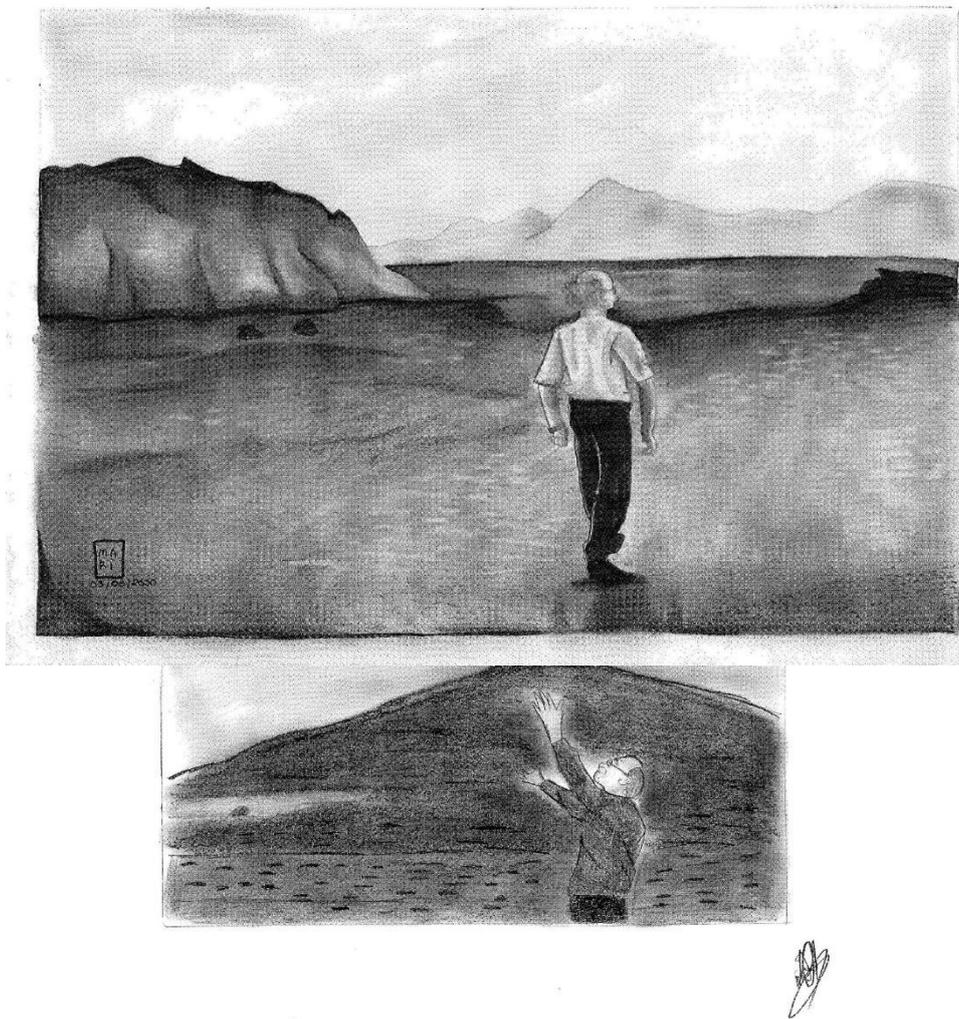


---

<sup>4</sup> Deste mundo e de outro, romance publicado em 1971, que serviu, coincidentemente, como título ao tópico do roteiro.

Segundo ele, “não evoluí, acho que me encontrei num certo momento da vida.”

Assim se fez Saramago, o que lhe fez jus ao sobrenome - uma erva daninha - que se alastrou e percorreu o universo literário. Um cânone da Literatura Portuguesa.



## 1.2. O ESTILO SARAMAGUIANO

O autor de *Memorial do Convento* se valeu de muitas estratégias nas suas narrativas. Dono de uma sintaxe inusitada, uma das características que o vinculam ao emprego de um estilo próprio, bem como o uso de intertextos e preocupações temáticas assinaladas por suas marcas ideológicas, fizeram dele um escritor reconhecido mundialmente.

### 1.2.1 A Técnica Narrativa.

José Saramago escrevia *Levantado do chão* no ano de 1979, de acordo com as convenções normativas de pontuação, sintaxe, diálogos no discurso direto. De repente, quando estava na vigésima quinta página, começa a experimentar, o que o autor chamou de "uma das coisas mais lindas que me aconteceram desde que estou a escrever"(LOPES, 2010, p. 94). Uma desarmonia nas normas que lhe pareceu um arranjo; o discurso direto e o indireto se misturavam, o discurso indireto livre aparecia, negligenciando, com consciência, as regras sintáticas com as quais estava habituado.



Quando chegou ao final, precisou retomar as páginas primeiras para que ficassem como as outras. Passou a fazer uso de um estilo de pontuação fora do convencional.

Saramago argumentava que, quando falamos, não usamos de pontuação e nos comunicamos perfeitamente. Portanto ao ler, o leitor deve perceber a voz que fala, como se estivesse dentro do diálogo. Para ele, fala-se como se faz uma música, utilizando-se de sons e pausas.

Ao se fazer uma pergunta, muda-se a entonação da voz, e o leitor deve saber disso, logo, nos seus discursos, não há sinais de pontuação, são o que ele chama de sinais de pausa, como na música: uma pausa breve, outra mais longa.

Percebe-se no trecho a seguir, um diálogo entre Baltasar e seu pai. Nos trechos sublinhados, verifica-se uma oração interrogativa. Na oração "o pai disse" não há os dois pontos de quando se inicia um diálogo e tão menos os travessões.

O pai disse, Vendi a terra que tínhamos na Vela, não que a vendesse mal, treze mil e quinhentos réis, mas vai fazer-nos falta, Então por que a vendeu, Foi el-rei, quem a quis, a minha e as outras, E para que as quis el-rei, Vai mandar construir ali um convento de frades, não ouviste falar disso em Lisboa, Não senhor, não ouvi, [...] (SARAMAGO, 2013, p.112) (grifo nosso)

No trecho que segue, há a entrada sutil do discurso indireto livre de um suposto mestre de obras. Percebe-se que ela acontece depois da vírgula, sem o uso de

maiúsculas, o que não caracteriza um diálogo, é, na verdade, um monólogo interior de um mestre de obras que assiste à passagem do monarca.

Assim desceu el-rei para o interior da terra, parece uma despedida do mundo, seria uma descida aos infernos se não estivesse tão bem defendido por bênçãos, escapulários e orações, e se aluíssem estas altas paredes que formam o cabouco, ora não tema vossa majestade, repare como as escorámos com a boa madeira do Brasil por maior fortaleza, aqui está um banco coberto de veludo carmesim, é uma cor que usamos muito em cerimônias [...] e eu, mestre da obra, verto um cocho de cal, e vossa majestade, com esta colher de pedreiro de prata, perdão, senhor, de prata de pedreiro, [...] (SARAMAGO, 2013, p. 149, grifo nosso).

Seu estilo é marcado pela ironia, de modo a incluir uma oração, ou mesmo uma expressão que leve à consciência dos fatos. Como no exemplo:

É só uma pedra, e aos visitantes antes de passarem à outra sala, é uma pedra só [...], Deve-se a construção do convento de Mafra ao rei D. João V, por um voto que fez se lhe nascesse um filho, vão aqui seiscentos homens que não fizeram filho nenhum à rainha e eles é que pagam o voto, que se lixam, com perdão da anacrônica voz. (SARAMAGO, 2013, p. 287-288, grifo nosso)<sup>5</sup>

O último grifo é entendido como *metalinguagem*, quando utilizamos o código para explicar o próprio código. Ao falar em anacronismo, o narrador explica o motivo pelo qual pede perdão, que é o fato de imaginar que o local servirá para atração turística no futuro.

A *metáfora* e a *comparação* são uma constante em *Memorial do Convento*. Há um trecho em que Saramago usa de metáfora para que o leitor imagine a dimensão da procissão no auto de fé: “[...] a procissão é uma serpente enorme que não cabe direita no Rossio e por isso se vai curvando e recurvando como se determinasse chegar a toda parte [...]” (SARAMAGO, 2013, p. 53).

### 1.2.2 O Diálogo com outras Obras e outros Autores

A intertextualidade é bastante evidente nas narrativas de Saramago. Verifica-se a presença de outros textos no texto produzido. De acordo com Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p. 17), “a intertextualidade [...] ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva dos interlocutores.”

---

<sup>5</sup> Trecho este que se encontra em tempo do narrador e tempo histórico.

Percebe-se que ele retoma alguns trechos de obras de autores, como Luiz Vaz de Camões, autor do Classicismo português, e também do padre Antônio Vieira, orador presente no Barroco brasileiro.

O modo como o escritor articula as palavras, pode ser uma manobra proposital para nos aproximar dos textos originais. Estes pertenciam, pois, a uma determinada época, ditas com ideologias, sentimentos e propósitos contextualizados.

Saramago dialoga com as obras e seus autores, no intuito de mostrar um novo olhar da História para os seus romances. Deste modo, temos o que se chama de intertextualidade estilística:

Ocorre, por exemplo, quando o produtor do texto, com objetivos variados, repete, imita, parodia certos estilos ou variedades linguísticas: são comuns os textos que reproduzem a linguagem bíblica, um jargão profissional, um dialeto, o estilo de um determinado gênero, autor ou segmento da sociedade. (KOCH, BENTES, CAVALCANTE, 2012, p. 19).

Em *Memorial do Convento*, Baltasar imagina a possibilidade de Padre Bartolomeu ter regressado e encontrado a máquina de voar, porém o narrador alude a uma personagem de 1835, de Edgar Allan Poe, Hans Pfaall. Trata-se da ficção *The Unparalleled Adventure of One Hans Pfaall* (A incomparável aventura de um Hans Pfaall), que surge em Rotterdam, na Holanda, com um balão de ar quente e depois passa a viver na Lua. “Não faltava mais nada que conhecer Baltasar estes acontecimentos futuros, e outros mais cabais, como já terem ido dois homens à lua [...]” (SARAMAGO, 2013, p. 240)

A referência aos dois homens encontra-se no ano de 1969, quando Neil Armstrong e Buzz Aldrin pisaram a Lua.



Em seguida, Luiz Vaz de Camões, autor do épico *Os Lusíadas*, que narra a viagem de Vasco da Gama na descoberta do caminho marítimo para as Índias, retrata um herói coletivo, o povo português, representado na figura do herói individual, Vasco da Gama.

Na leitura da obra, retoma-se o povo português, os heróis de *Os Lusíadas*: “Questiona-se qual seria o objetivo dessas expedições – chegar às Índias, edificar um convento” (VICHINSKY, p.108, 2012). O discurso camoniano traça um herói sofrido, guerreiro e bravo, que quer chegar a um destino positivo; já o

discurso saramaguiano, embora apresente um herói coletivo e anônimo, apresenta uma conquista para a grandeza de outros. Este herói é massacrado e oprimido e depois descartado e esquecido.

No canto V, de *Os Lusíadas*, há o momento em que surge o gigante Adamastor, que ameaçava o caminho dos navegantes portugueses. Entretanto, de acordo com a geografia local, tratava-se do trecho do Cabo das Tormentas, hoje Cabo da Boa Esperança, localizado ao Sul da África, local de difícil navegação, pois as águas turbulentas formavam ondas imensas. A costa africana era contornada por montanhas rochosas, onde os barcos podiam colidir, devido à intensidade do movimento das ondas.

Desse modo, Camões, em seu épico, *Os Lusíadas*, representa o local como o gigante Adamastor; Saramago faz referência a este, no capítulo em que a passarola levanta voo com os três nautas a bordo, Padre Bartolomeu, Baltasar e Blimunda, enfrentando as adversidades que se assomavam, “Na frente deles ergue-se um vulto escuro, será o ‘adamastor’ desta viagem, montes que se erguem redondos da terra, ainda riscados de luz vermelha na cumeada.” (SARAMAGO, 2013, p.224). Assim, o excerto a seguir é objeto do intertexto empregado por Saramago:

Assim contava; e, cum medonho choro,  
Súbito de ante os olhos se apartou.  
Desfez-se a nuvem negra, e cum sonoro  
Bramido muito longe o mar soou.  
Eu, levantando as mãos ao santo coro  
Dos Anjos, que tão longe nos guiou,  
A Deus pedi que removesse os duros  
Casos, que Adamastor contou futuros. (CAMÕES, 2018, p. 63).

Portanto, a figura do gigante Adamastor declamada por Luiz Vaz de Camões se apresenta na narrativa saramaguiana, como um obstáculo ameaçador. Outra referência é ao infante D. Henrique, contida na primeira parte do poema *Mensagem* de Fernando Pessoa, intitulada “Brasão”, na quinta quina, representando o brasão de Portugal sobre as grandes figuras da História. O trecho é transcrito da poesia para prosa, como forma de citação, com o objetivo de salientar uma ideia, iniciando o décimo oitavo capítulo : “Em seu trono entre o brilho das estrelas, com seu manto de noite e solidão, tem a seus pés o mar novo e as mortas eras, o único imperador que tem, deveras, o globo mundo em sua mão” (SARAMAGO, 2013, p. 251).

Neste tipo de intertextualidade, espera-se que o leitor, ou mesmo o ouvinte, seja capaz de reconhecer o texto de onde se originou a passagem e entenda o objetivo

do autor. Nos excertos anteriores, Saramago ao se utilizar da referência, remete-nos ao texto de *Os Lusíadas*, sem citá-lo literalmente, bem como a Fernando Pessoa:

Em seu trono entre o brilho das esferas,  
Com seu manto de noite e solidão,  
Tem aos pés o mar novo e as mortas eras –  
O único imperador que tem, deveras,  
O globo mundo em sua mão. (PESSOA, 1934, p. 43)

Do padre Antônio Vieira, há uma alusão ao *Sermão da Sexagésima*, cuja leitura se relaciona ao motivo pelo qual a palavra de Deus não frutifica, criticando os pregadores por não saberem falar a Palavra de Deus, apenas palavras:

Acaba o padre Bartolomeu Lourenço de dizer o sermão, nem quer saber do seu religioso efeito, só pergunta alheado, Então gostaram, e os outros respondem, Lá isso, gostamos, sim senhor, mas este é um falar dos dentes para fora, que o coração não dá mostras de ter entendido o que ouviu, e se o coração não entendeu, não chega a ser mentira o falar da boca, mas sim ausência. [...] (SARAMAGO, 2013, p.98).



Padre Antônio Vieira, orador sacro do Barroco no Brasil.



Bartolomeu Lourenço de Gusmão, orador sacro. Retrato no Acervo no Museu Paulista da USP.

É o que se compreende no discurso presente no sermão citado anteriormente:

Por isso Cristo comparou o pregador ao sementeiro. O pregar que é falar faz-se com a boca; o pregar que é semear, faz-se com a mão. Para falar ao vento, bastam palavras; para falar ao coração, são necessárias obras. Diz o Evangelho que a palavra de Deus frutificou cento por um. Que quer isto dizer? Quer dizer que de uma palavra nasceram em palavras? -- Não. Quer dizer que de poucas palavras nasceram muitas obras. Pois palavras que frutificam obras, vede se podem ser só palavras!

[...] Mas dir-me-eis: Padre, os pregadores de hoje não pregam do Evangelho, não pregam das Sagradas Escrituras? Pois como não pregam a palavra de Deus? Esse é o mal. Pregam palavras de Deus, mas não pregam a palavra de Deus. [...] (grifos nosso), (VIEIRA, 1965, p. 4 e 8)

E em outro sermão, também do pregador, o romancista alude:

Da sua gaiola de madeira pregou o celebrante ao mar de gente, se fosse o mar de peixes, que formoso sermão se teria podido repetir aqui, com a sua doutrina muito clara, muito sã, mas, peixes não sendo, foi a pregação como a mereciam homens e só a ouviram os fiéis que mais ao perto estavam [...] (grifos nosso), (SARAMAGO, 2013, p. 256).

São alusões, pois remetem, indiretamente, a um texto que não foi dito. Acredita-se que o leitor possa perceber nas entrelinhas de quais textos se tratam, como é o caso do *Sermão de Santo Antônio aos peixes*: “Isto suposto, quero hoje, à imitação de Santo Antônio, voltar-me da terra ao mar, e já que os homens se não aproveitam, pregar aos peixes. O mar está tão perto que bem me ouvirão. Os demais podem deixar o sermão, pois não é para eles” (grifos nosso), (VIEIRA, 2016, p.5).

José Saramago utilizou-se também da paródia, com o intuito de criticar, como no trecho a seguir, “[...] Ó glória de mandar, ó vã cobiça, ó rei infame, ó pátria sem justiça, e tendo assim clamado, veio dar-lhe o quadrilheiro uma cacetada na cabeça, que ali mesmo o deixou por morto.” (SARAMAGO, 2013, p. 330).

Neste caso, a crítica se evidencia na pessoa de D. João V por exigir que todos os homens da região fossem trazidos para trabalhar na construção do convento, querendo ou não. O intertexto encontra-se no canto IV de *Os Lusíadas*:

Ó glória de mandar! Ó vã cobiça  
 Desta vaidade, a quem chamamos Fama!  
 Ó fraudulento gosto, que se atíça  
 C'uma aura popular, que honra se chama!  
 Que castigo tamanho e que justiça  
 Fazes no peito vão que muito te ama!  
 Que mortes, que perigos, que tormentas,  
 Que crueldades neles experimentas! (CAMÕES, 2018, p.285 )

Também se valeu de paráfrases da Bíblia: "Quem dentre vós não tiver pecado, atire a primeira pedra!" (Jo 8,1-11).

“Atire-lhes a segunda pedra quem não caiu nunca em pedaços afins, o mesmo Cristo favoreceu a Pedro e amimou a João, e eram doze os apóstolos. Um dia se averiguará que Judas traiu por ciúme e abandono.” (SARAMAGO, 2013, p.309).

Por se tratar de uma sentença bíblica, praticamente conhecida, ele a reutilizou de modo quase original. Porém foi irônico, quando mencionou Pedro e João como prediletos de Cristo, e, portanto, Judas ser acusado de traição, deixando entrever a possibilidade de este ter agido por ciúmes.

## 2 A CONSTRUÇÃO DO CONVENTO DE MAFRA

A edificação do Convento teve seu início no ano de 1717, no século XVIII, e foi concluída, por volta de 1750. *A priori*, a construção deveria abrigar treze frades da Ordem dos Franciscanos, porém o levantamento tomou uma dimensão monumental. Hoje se trata de uma gigantesca obra, que cobre uma área de aproximadamente 40 mil m<sup>2</sup>, incluindo o palácio, a biblioteca e a basílica.

Desde o século XVI, o Brasil era a base da economia portuguesa - madeira, açúcar, tabaco, algodão e mandioca. No final do século XVII, descobriu-se ouro e diamantes em minas brasileiras, o que causou um furor enorme em Portugal, portanto fonte inesgotável para a monarquia portuguesa abastecer seus cofres.

O Brasil colonial foi o responsável para que Portugal tivesse estrutura econômica, assim como o pau-brasil, o ouro, os diamantes entre outros, edificaram, por assim dizer, o convento de Mafra.

### 2.1 A HISTÓRIA REAL

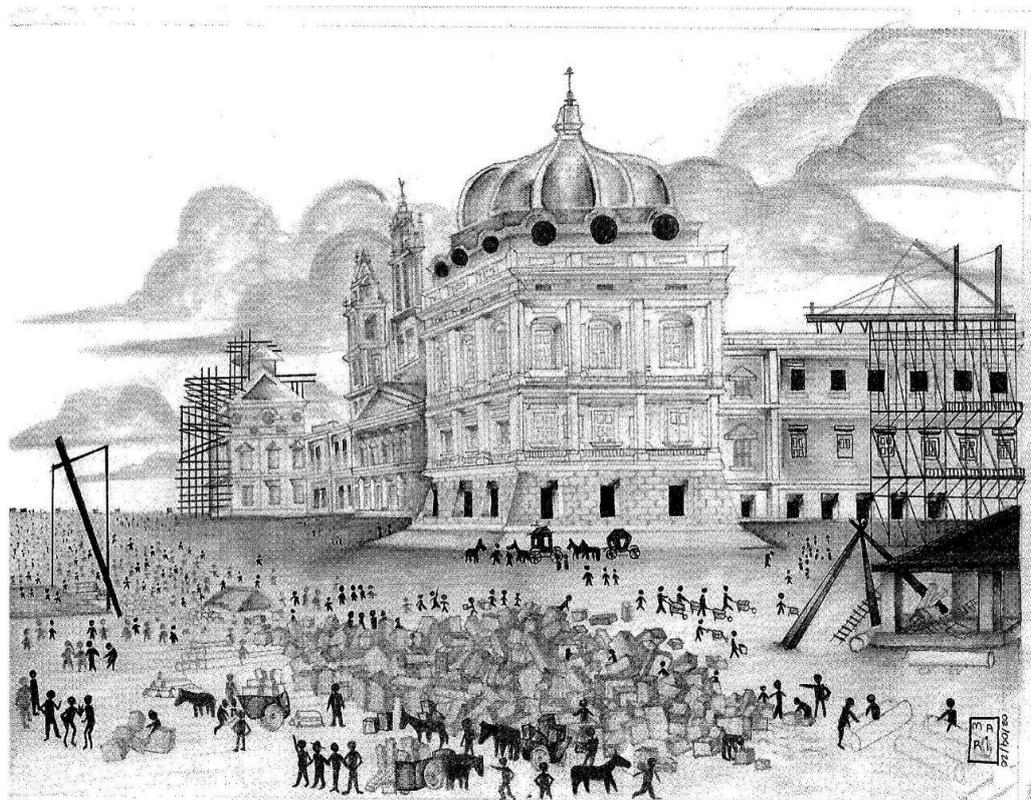
D. João V, rei de Portugal, governou de 1707 até 1750, ano de sua morte. Casou-se com Maria Ana Josefa de Áustria no ano de 1708 e, depois de dois anos, a rainha ainda não havia engravidado, pois o propósito era dar ao monarca um herdeiro ao trono. O rei fez uma promessa de que se a rainha concebesse um sucessor, ele ergueria um convento da Ordem dos Franciscanos.

Em quatro de dezembro de 1711, nasce a princesa Maria Bárbara Xavier. O filho varão nasceria em 1714, D. José, que reinou de 1750 a 1777. É possível perceber que o início da construção do convento esteve mais perto do nascimento de D. José, o herdeiro natural do trono e não de Maria Bárbara.

[...] ainda no mesmo ano, mais precisamente a 4 de Dezembro de 1711, a rainha deu à luz a infanta D. Maria Bárbara (que viria a ser rainha de Espanha pelo casamento) e, nos anos seguintes, nasceriam outros cinco filhos, entre os quais aquele que seria o príncipe herdeiro e que reinou com o nome de D. José I. (GAMA, 1985, apud CERDEIRA, 2018, p. 46)<sup>6</sup>.

---

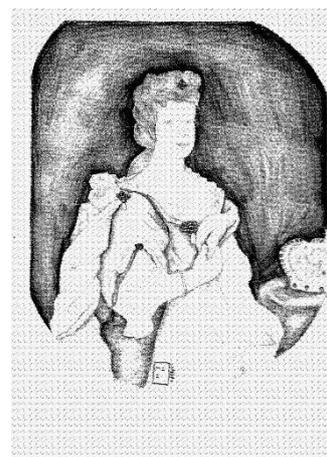
<sup>6</sup> GAMA, Luís Felipe Marques da. Palácio Nacional de Mafra; roteiro. Lisboa, Mafra, Elo, 1985.



Dona Maria Ana Josefa de  
Áustria, rainha de Portugal. (1683-  
1754)



Rei D. João V de Portugal. (1689 -  
1750), O magnânimo.

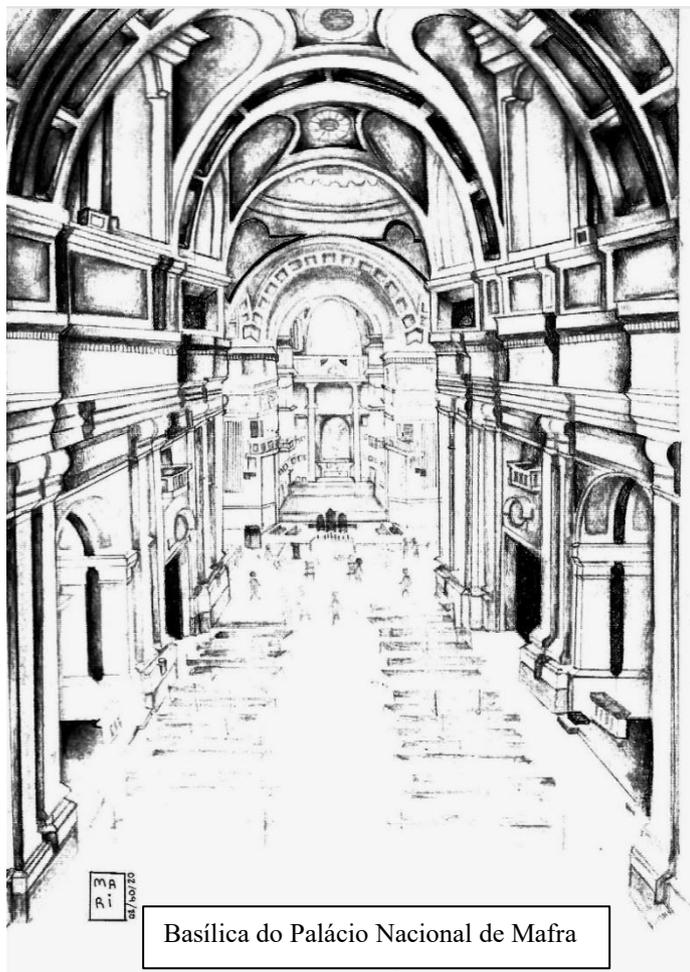


A construção do convento teve início em 17 de Novembro de 1717, como lançamento da primeira pedra, seguida de uma cerimônia religiosa. Johann Friedrich Ludwig, arquiteto alemão, conhecido em Portugal como João Francisco Ludovice, apresentou um projeto escolhido pelo monarca.

O engenho consistiu em uma arquitetura no estilo barroco, mais precisamente, o barroco joanino, um conjunto de diversas frentes artísticas que coabitavam em Portugal naquele tempo. Nota-se, pois, muitas influências estrangeiras em sua arquitetura.

Com o passar do tempo, a obra passou a ter uma dimensão extraordinária, chegava muito ouro e diamante brasileiro, desencadeando uma aspiração à ampliação daquilo que se pretendia no início. Logo, não foram poupadas despesas para a construção do convento e nem homens para o trabalho.

Quando D. João completaria o seu 41º aniversário, em 22 de Outubro de 1730, decidiu que faria a sagração da basílica, o que movimentou por volta de 45 mil trabalhadores e sete mil



soldados, muitos recrutados com objetivo de finalizar até o dia previsto. Mais de cinquenta mil trabalhadores foram necessários para edificar o empreendimento.

No século XVIII era comum ver igrejas suntuosas, ornamentadas em ouro, casas e palácios com requintes luxuosos. Era uma época de florescimento das artes e progresso da cultura portuguesa.

O Barroco foi uma tendência artística que se iniciou em meados do século XVI e se estendeu até o século XVIII, tanto na literatura, quanto na arquitetura, escultura e pintura. Sem esquecer a música. Tratava-se de uma época em que se valorizavam os traços fortes, exagerados. Os artistas imprimiam em suas obras, a força da expressão das emoções. Também era importante salientar a riqueza dos detalhes e, ainda, concentrar-se em temas religiosos, por conta do poder da Igreja na época. Na literatura, encontrava-se a presença de rebuscamento das palavras, carregadas de figuras de linguagem como metáforas, hipérboles e antíteses. O convento foi permeado por este estilo, ainda evidente na época de sua construção.



Escultura barroca italiana no Palácio Nacional de Mafra.

Por um tempo, o palácio abrigou mais de trezentos frades, foi alojamento da Família real nas temporadas de caça e para espetáculos religiosos.

Em 1907, foi declarado Monumento Nacional e, hoje, o Palácio Nacional de Mafra está aberto à visitasões. Contém esculturas feitas em carrara e pinturas feitas por artistas portugueses e italianos, o convento, a basílica, os aposentos do rei e da rainha, salões enormes e majestosos, além da biblioteca.

## 2.2 NOS DIAS ATUAIS<sup>7</sup>.

O Palácio Nacional de Mafra situa-se a 25 km de Lisboa, na cidade de Mafra e tem quase 40 mil m<sup>2</sup>, 1200 quartos, 156 escadarias e 29 pátios, internos e externos. Feito todo em mármore e calcário da região de Sintra e Pero Pinheiro.

Compreende um acervo enorme de esculturas e pinturas feitas por artistas italianos e portugueses, o convento, a basílica, os aposentos do rei e da rainha, salões enormes e majestosos, além da biblioteca.

No andar de cima estão os quartos mais luxuosos; o quarto do rei está no extremo oposto ao da rainha, a uma distância de 232 metros.



Palácio Nacional de Mafra, localizado no concelho de Mafra, a 25 km de Lisboa.

A biblioteca se encontra no 4º piso e é uma das mais bonitas da Europa. Ela tem 85 m de comprimento e 9,5 m de largura. As estantes foram feitas com madeiras provenientes do Brasil que vão do chão até ao teto. Conta com mais de 30 mil volumes de livros, inclusive, alguns dos coibidos pelo *Index Librorum Prohibitorum* – lista de

<sup>7</sup> [http://www.palaciomafra.gov.pt/pt-PT/palaciomenu/palacio\\_historia/ContentList.aspx](http://www.palaciomafra.gov.pt/pt-PT/palaciomenu/palacio_historia/ContentList.aspx)  
<https://ensina.rtp.pt/artigo/a-biblioteca-do-convento-de-mafra/>  
<http://www.palaciomafra.gov.pt/pt-PT/Apresentacao/ContentList.aspx>

livros proibidos pela Igreja

Católica por trazerem conteúdo considerado herético. Na época, D. João V enviou emissários a viajarem por todo o mundo a procura de livros que estavam sendo publicados e, até, os mais cobiçados.



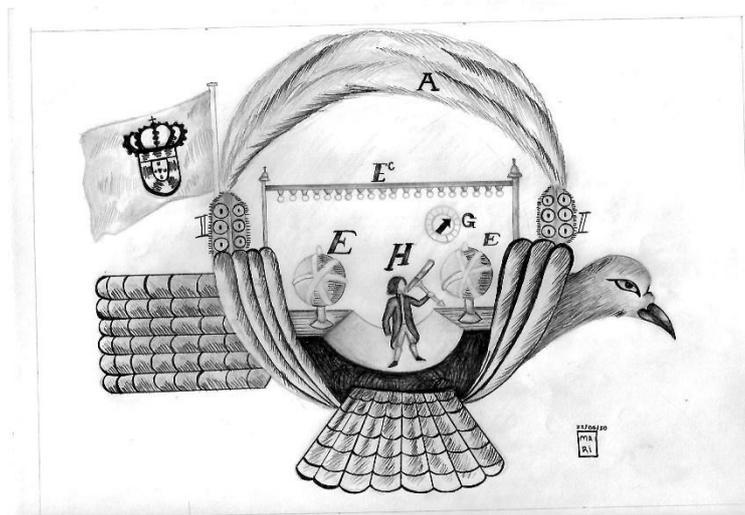
Biblioteca do convento de Mafra

Entre eles, a segunda edição de *Os Lusíadas* de Luiz Vaz de Camões. Muitos dos exemplares estão encadernados em capa de couro preta e gravados em ouro. São títulos religiosos, da medicina, filosofia, da literatura geral entre outros. Hoje ela é guardada por um número considerável de pequenos morcegos que, durante a noite, caçam insetos devoradores de cola, tinta e papel.

A Basílica, construída no estilo barroco italiano, fica na parte central do palácio. Seu interior tem a forma de uma cruz latina com 58,5 m de comprimento e 43 m de largura, um conjunto de seis órgãos históricos e esculturas barrocas feitas em carrara e de grande valor.

As torres conservam dois carrilhões de 98 sinos no total (49 em cada), pesando mais de 200 toneladas cada um, considerados os mais pesados do mundo.

### 2.3 A PASSAROLA



Desenho do projeto da passarola, "a máquina de voar" de Bartolomeu Lourenço de Gusmão.

Paralelamente, em *Memorial do Convento*, encontram-se outros nomes e situações que estão ligadas a elementos reais, tal como o Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão, chamado de Padre Voador. Ele nasceu no Brasil, na cidade de Santos, em 1685 e se estabeleceu em Portugal no ano de 1701. Foi inventor, cientista, sempre se interessou muito pela Física e pela Matemática.

Com o aval do rei D. João V, o sacerdote se dedica à construção do seu projeto: um balão de ar, um aeróstato. Consta que no ano de 1709, seu pequeno balão de papel, com uma chama no seu interior, subiu por mais de quatro metros até se queimar por inteiro.

Supõe-se que, neste mesmo ano, o padre tenha feito uma petição ao rei para que pudesse construir o seu "objeto de voar", o que chamou de Passarola, porque tinha a forma de um pássaro. Porém o projeto, praticamente, não saiu do papel, mas persistiu no imaginário popular.

Foi perseguido pela Inquisição, porque suas ideias eram tidas como bruxaria e, também, foi acusado de defender os judeus. Um pouco antes de morrer, converte-se ao judaísmo e foge para a Espanha, a fim de escapar da Inquisição. Porém, adoece no meio do caminho e falece em 1724, em Toledo na Espanha.

## 2.4 OS HERÓIS

O romance *Memorial do Convento* oportuniza o conhecimento ao leitor sobre acontecimentos e pessoas pertencentes da História do século XVIII. Todavia, é importante ressaltar que o rei D. João V e a rainha Maria Ana não são os protagonistas desta obra. São personagens formados em tons caricaturais. José Saramago oferece uma leitura do avesso, diferente daquela a que se refere ao passado português. Por meio da ficção, o narrador desestrutura a verdade histórica e permite que a leitura preencha lacunas, nunca antes mencionadas.

O escritor dá voz aos trabalhadores, aos heróis invisíveis que ergueram o monumento. São eles os protagonistas do romance - o povo português - pessoas comuns, sem nome nos documentos oficiais da História, dotadas de força, lutando pela sobrevivência, usando da mecânica braçal - os construtores do Palácio Nacional de Mafra.

## 3 O ENREDO DE *MEMORIAL DO CONVENTO*

Para que se tenha uma ideia mais abrangente do romance, cada tópico a seguir corresponde a alguns capítulos da obra, ou mesmo comentários a partir de algum fato.

Deste modo, o leitor poderá se familiarizar com o enredo e, conseqüentemente, inferir sobre a história.

### 3.1 AS INTENÇÕES DO NARRADOR E A HISTÓRIA.

Logo no primeiro capítulo, o leitor é ludibriado pelo narrador, fazendo-o acreditar que irá ler uma história sobre reis e rainhas de Portugal. A relação entre o narrador e a história é tão próxima, que se tem a impressão de que ele acompanha a cena, servindo de guia para o leitor. "D. João, quinto do nome na tabela real, irá esta noite ao quarto de sua mulher, D. Maria Ana Josefa, que chegou há mais de dois anos da Áustria para dar infantes à coroa portuguesa e até hoje não emprenhou." (SARAMAGO, 2013, p.9).

A composição das personagens históricas, portanto, reais, vai se perdendo aos poucos, porque a linguagem é pejorativamente vulgar, não condizentes com expressões que se espera da realeza.

Em seguida, verifica-se o tom machista de uma sociedade, enquanto à mulher é atribuída a responsabilidade pelas falhas. "Que caiba a culpa ao rei, nem pensar, primeiro porque a esterilidade não é mal dos homens, das mulheres sim, por isso são repudiadas tantas vezes [...]" (SARAMAGO, 2013, p. 9).

Cabe ao narrador mostrar as condições sociais, econômicas e morais em que vive o povo português, como também descortinar o ambiente palaciano. Alguns aspectos históricos são revelados, tal como a Inquisição no ritual do auto-de-fé, que chegou a Portugal a pedido do rei D. João III em 1536.

Já passou Sebastiana Maria de Jesus, passaram todos os outros, deu volta inteira a procissão, foram açoitados os que esse castigo haviam tido por sentença, queimadas as duas mulheres, uma primeiramente garrotada por ter declarado que queria morrer na fé cristã, outra assada viva por perseverança contumaz até na hora de morrer, diante das fogueiras armou-se um baile, [...] as mulheres mortas são descidas sobre os tições para se acabarem de consumir [...] (SARAMAGO, 2013, p. 55-56).

O narrador apresenta, também, a procissão dos homens, retratada de modo "carnavalizado"; os condenados seguem humilhados e as mulheres, somente elas, ficam às janelas assistindo à penitência, cativadas pelo sofrimento alheio. São descrições aproximadas de sadomasoquismo, encadeadas por rituais de castigo, desejo sexual, bênçãos, súplicas, gritos de dor e excitação.



### 3.2 UM RECORTE - A RELAÇÃO ENTRE O REI E OS CONVENTOS

É fato que o rei, D. João V manteve relações extraconjugais com diversas mulheres e muitas conceberam filhos do monarca; uma delas, Madre Paula, religiosa de Odivelas, deu-lhe três filhos bastardos.

O tocante deste registro é revelar que muitas mulheres escolhiam a vida nos conventos, não por vocação, mas para fugir da pobreza, para garantir alguma instrução, para assegurar um cargo. Muitas iam para fugir de casamentos impostos, até esposas abandonadas, viúvas ou de famílias arruinadas.

### 3.3 O ENCONTRO DE BALTASAR SETE-SÓIS E BLIMUNDA DE JESUS

Baltasar Mateus voltava da guerra na Espanha, onde teve a mão esquerda amputada por conta de uma bala que lhe estroçalhou o pulso. Usava um espigão para firmar um gancho feito por um ferreiro. Juntava moedas à custa de esmolas para sobreviver, vagava pelas ruas de Lisboa, quando se viu andando no meio de um auto de fé.

Sebastiana Maria de Jesus é considerada feiticeira e herética porque ouvia vozes do céu e tinha visões, degredada por oito anos para a Angola, onde terá que se livrar dos "efeitos demoníacos" que a possuem. Vê a filha no meio da multidão e pede, em pensamentos, que pergunte o nome do homem que caminha ao seu lado. "[...] não fales, Blimunda, olha com esses olhos que tudo são capazes de ver, e aquele homem quem será, tão alto, que está perto de Blimunda e não sabe [...]" (SARAMAGO, 2013, p. 55).

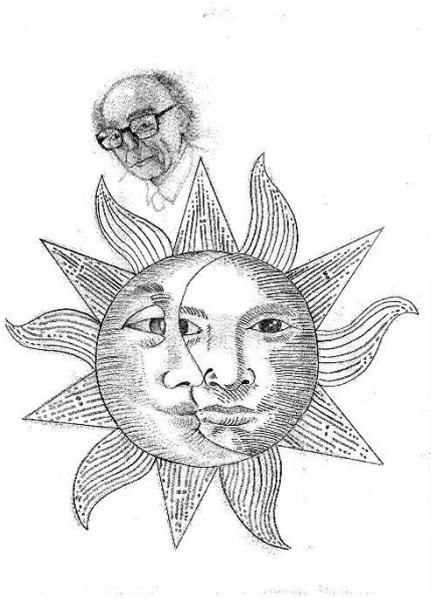
Blimunda, de olhos indefiníveis da cor cinzenta, azul ou verde, ou negros, ou brancos, dependendo do que sente ou da incidência da luz, vaga no meio da multidão no mesmo auto de fé em que anda Baltasar e condenada vai sua mãe.

[...] e Blimunda disse ao padre, Ali vai minha mãe, e depois, voltando-se para o homem alto que lhe estava perto, perguntou, Que nome é o seu, e o homem disse, naturalmente, assim reconhecendo o direito de esta mulher lhe fazer perguntas, Baltasar Mateus, também me chamam Sete-Sóis. (SARAMAGO, 2013, p. 55).

Junto com o padre Bartolomeu Lourenço, os três dividiram uma panela de sopas. Blimunda esperou que Baltasar terminasse de comer e se serviu da colher dele, como símbolo da celebração do casamento entre eles.

[...] Então declaro-vos casados. O padre Bartolomeu Lourenço esperou que Blimunda acabasse de comer da panela as sopas que sobejavam, deitou-lhe a bênção, com ela cobrindo a pessoa, a comida e a colher, o regaço, o lume na lareira, a candeia, a esteira no chão, o punho cortado de Baltasar, [...]  
(SARAMAGO, 2013, p. 58).

### 3.4 SEGREDO REVELADO



Baltasar percebe que Blimunda, antes de acordar, come o pão. Intrigado, pergunta ao padre Bartolomeu e este diz que é algo que ele deve saber por ela: “[...] Só te direi que se trata de um grande mistério, voar é uma simples coisa comparando com Blimunda.” (SARAMAGO, 2013, p. 67).

Baltasar, então, esconde o pão, para que ela lhe revele seu segredo: “[...] Eu posso olhar por dentro das pessoas. [...] o meu dom não é heresia, nem é feitiçaria, os meus olhos são naturais, [...]” (SARAMAGO, 2013, p. 80 - 81).

[...] Vejo o que está dentro dos corpos, e às vezes o que está no interior da terra, vejo o que está por baixo da pele, e às vezes mesmo por baixo das roupas, mas só vejo quando estou em jejum, perco o dom quando muda o quarto da lua [...] (SARAMAGO, 2013, p. 81).

E prometeu que jamais o veria por dentro. Assim ela queria.

### 3.5 O INÍCIO DA PASSAROLA.

Baltasar e Blimunda se instalaram na Quinta do duque de Aveiro, local cedido pelo rei, para que padre Bartolomeu pudesse trabalhar na sua invenção - a passarola.

Baltasar usa de suas habilidades artesanais, padre Bartolomeu, as ciências, e Blimunda, o seu dom.

### 3.6 BALTASAR E BLIMUNDA AGUARDAM O RETORNO DO PADRE BARTOLOMEU LOURENÇO.

Enquanto esperavam a volta de padre Bartolomeu da Holanda em busca do éter que faria a máquina voar, Baltasar retorna à casa de seus pais e leva Blimunda com ele. Durante o tempo que lá estiveram, ajudou o pai no trabalho do campo.

Com o retorno de padre Bartolomeu, retornam os três para a Quinta do duque de Aveiro.

### 3.7 AS VONTADES

O sacerdote voltou da Holanda, dizendo que o éter sobe aos céus, transformando-se no ar que Deus respira e mantém as estrelas suspensas. Este elemento faria, portanto, a passarola voar, porém ele se encontrava dentro das pessoas como uma nuvem fechada, compondo a vontade dos vivos, e apenas uma pessoa poderia coletá-la: aquela que vê os indivíduos por dentro.

Deste modo, padre Bartolomeu pede à Blimunda que recolha as vontades humanas e as feche dentro de um frasco de vidro. Seriam necessárias duas mil vontades para que a máquina voasse. "[...] Verás a vontade dentro das pessoas, Nunca a vi, tal como nunca vi a alma. Não vês a alma porque a alma não se pode ver, não vias a vontade porque não a procuravas, Como é a vontade, É uma nuvem fechada [...]" (SARAMAGO, 2013, p. 137)

### 3.8 O QUARTO ELEMENTO

Estando no paço, junto do rei e sua família, para assistir a pequena Maria Bárbara ao cravo, padre Bartolomeu conhece Domenico Scarlatti, compositor italiano, contratado por D. João V para ser professor de cravo da infanta. Conversaram por bastante tempo, o padre e o músico, fazendo trocadilhos sobre as obras, as mãos, o som, o voo.

[...] Como se mostram variadas as obras das mãos do homem, são de som as minhas, Fala das mãos, Falo das obras, tão cedo nascem logo morrem, Fala das obras, Falo das mãos, que seria delas se lhes faltasse a memória e o papel em que as escrevo, Fala das mãos, falo das obras. (SARAMAGO, 2013, p. 183).

Entre eles houve uma cumplicidade espontânea; maior do músico talvez, porque conseguia compreender o cientista, o inventor, o sonho e a ideologia do padre.

Domenico Scarlatti é convidado pelo clérigo a ir ao local da construção da passarola e, por sua vez, conhece o casal Baltasar e Blimunda. Maravilhado com o padre e com a máquina de voar e, mais ainda, deslumbrado com o casal etéreo e apaixonante que acabara de avaliar, ofereceu-se para ajudar, tocando o seu cravo enquanto construíam a passarola. Estava formada a trindade terrestre junto do quarto elemento - a arte.

### 3.9 O SONHO NO CÉU

Provavelmente, o capítulo mais lindo e fascinante do romance é o décimo sexto. Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão, este último sobrenome atribuído por ele mesmo, no ano de 1719. Sentia muito medo do Santo Ofício que já sabia das suas ideias, desconfiava do seu ceticismo diante de algumas questões cristãs e, ainda, pensaria que para que a máquina voasse, haveria intenções demoníacas:

[...] não poderei responder-lhes que estão vontades humanas dentro das esferas, para o Santo Ofício, são más todas as razões boas, e boas todas as razões más, e quando umas e outras faltem, lá estão os tormentos da água e do fogo [...] El-rei, sendo caso duvidoso, só fará o que o Santo Ofício lhe disser que faça. (SARAMAGO, 2013, p. 211).

Em meados de setembro de 1724, padre Bartolomeu Lourenço entra assustado na abegoaria, onde estavam Baltasar e Blimunda, dizendo que o Santo Ofício estava atrás dele e diz que é hora dos três fugirem.

[...] e Baltasar perguntou, Que vamos fazer. O padre tremia todo, mal podia sustentar-se de pé, Blimunda amparou-o, Que faremos, repetiu, e ele gritou, Vamos fugir na máquina, depois, como subitamente assustado, murmurou quase inaudivelmente, apontando a passarola, Vamos fugir nela, Para onde, Não sei, o que é preciso é fugir daqui. Baltasar e Blimunda olharam-se demoradamente, Estava escrito, disse ele, Vamos, disse ela. (SARAMAGO, 2013, p. 213.).

O êxtase descrito pelo narrador no momento em que alçaram voo, e o que viveram durante a passagem por Mafra até caírem no Monte Juno é indescritível. Surpresos com a coragem, agarrados à passarola, ora choravam de emoção, rindo ao mesmo tempo, ora abraçavam-se, pois o trabalho não havia sido em vão. Juntos usufruíam, cada um a seu modo, a loucura e a magia de se sentirem tão perto do céu.

Quando Domenico Scarlatti chega à Quinta, a máquina já se levantava" [...] num grande sopro de asas" (SARAMAGO, 2013, p. 219)

Ainda toca algo no cravo, passando os dedos como se preciso fosse para concretizar o sonho. Depois se desfaz dele, porque deixar ali, seria prova de

cumplicidade.

Desaparece padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão, depois da aterrissagem e nunca mais foi visto. Anos mais tarde, vem a notícia de sua morte. Morreu em dezenove de novembro de 1724, em Toledo, na Espanha

### 3.10 NAS OBRAS DO CONVENTO...

... Baltasar Sete-Sóis conseguiu trabalho, pois isto é o que não faltava por lá.

Certa ocasião está bebendo vinho na taberna e começa a conhecer as pessoas com as quais vai trabalhar. Depois que todos dizem quem são e o que fazem, Baltasar, ao se apresentar, já um pouco alterado pelo vinho, deixa escapular que havia estado perto do sol; o que os outros acharam um absurdo.

Estava Baltasar no ofício de boieiro, quando recebeu a notícia de que era preciso ir a Pero Pinheiro buscar uma pedra muito grande que seria fixada em uma varanda da igreja.

[...] É a mãe da pedra, não disse que era o pai da pedra, sim a mãe, talvez porque viesse das profundas, ainda maculada pelo barro da matriz, mãe gigantesca sobre a qual poderia deitar-se quantos homens, ou ela esmagá-los a eles, quantos, faça as contas quem quiser, que a laje tem de comprimento trinta e cinco palmos, de largura quinze, e a espessura é de quatro palmos, [...] (SARAMAGO, 2013, p. 273).

Narra-se o esforço de homens e animais para deslocá-la do lugar e trazê-la intacta ao seu local de destino. A morte de um dos trabalhadores representa muitos daqueles que se empenharam e morreram para a satisfação de outros.

O capítulo possui um tom épico, pois conta a aventura heroica de trabalhadores portugueses, buscando vencer desafios físicos e obstáculos naturais, a fim de trazer a pedra inteira.

Tantas horas de esforço para tão pouco andar, tanto suor, tanto medo, e aquele monstro de pedra a resvalar quando devia estar parado, imóvel quando deveria mexer-se, amaldiçoado sejas tu, mais quem da terra te mandou tirar e a nós arrastar por estes ermos. Os homens deitam-se no chão, sem forças, ficar arquejando de barriga para cima [...] (SARAMAGO, 2013, p. 284).



O sofrimento é tanto que o narrador reflete de que a pedra não precisaria ser tão grande, porque com uma quantidade menor e de tamanho menor, também se faria a varanda. Todavia, imagina ser a grandiosidade da pedra, o sentido de se haver orgulho nacional.

### 3.11 "A OBRA É LONGA, A VIDA É CURTA."

Eis que o D. João resolve aumentar a construção do convento, para abrigar trezentos frades e convida João Frederico Ludovice, arquiteto alemão, para ajudá-lo. O sonho passa a ser uma ânsia desenfreada de se reconhecer como autor de projetos suntuosos e inesquecíveis.

A sacração da basílica teria que acontecer no dia vinte e dois de outubro, quando o rei completasse quarenta anos. Porém seria impossível que isso acontecesse no prazo de dois anos. O monarca, portanto, ordenou que fossem trazidos qualquer homem válido de toda Maфра e região: carpinteiros, pedreiros, braçais, operários e até aqueles que se recusassem a vir, tirando-os à força de suas casas.

### 3.12 O DESTINO DE BALTASAR MATEUS SETE- SÓIS.

Baltasar vai ao Monte Juno para verificar a máquina, acidentalmente acaba caindo dentro dela: "[...] A máquina rodopiou duas vezes, despedaçou, rasgou os arbustos que a envolviam, e subiu. Não se via uma nuvem no céu [...]". (SARAMAGO,

2013, p. 380).

Durante nove anos, Blimunda procurou por ele. Foi no auto de fé que eles se encontraram pela primeira vez e, no auto de fé, o encontro se deu pela última. "[...] São onze os supliciados. A queima já vai adiantada, os rostos mal se distinguem". (SARAMAGO, 2013, p. 405).



## 4 A ESTRUTURA DA OBRA

### 4.1 DIVISÕES

O romance está dividido em 25 capítulos, não numerados e não intitulados.

Dentro desses capítulos há duas histórias: a primeira se refere à construção da passarola por Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão, juntamente com Baltasar e Blimunda; a segunda é a que nomeia o romance, a edificação do Convento de Mafra.

### 4.2 GÊNERO LITERÁRIO

*Memorial do Convento* é considerado como o Novo Romance Histórico, pois foge das regras do tradicional. Não há uma preocupação em mostrar com veracidade os fatos, na verdade, o escritor os reinterpreta. As adulterações dos acontecimentos são definidas por meio de reproduções exageradas, ou mesmo irônicas para que o leitor possa inquirir a verdade sobre o que está sendo retratado.

As figuras históricas, tidas como reais, não agem como vimos na história oficial, são, portanto, ficcionais. A elas não é dado o protagonismo da história; no caso do romance, os protagonistas são as personagens invisíveis que erigiram o Convento de Mafra.

José Saramago revisita o passado português, acompanhado de ideologias, expondo pontos de vista daqueles que não têm seu nome na História, preservando-os na memória do povo. Segundo Aguilera (2010), "Se não ligasse meu trabalho à História não faria qualquer trabalho [...] o que eu quero escrever liga-se aos fatos e aos homens passados, [...] O que eu quero é desenterrar homens vivos. A História soterrou milhões de homens vivos." ( p.253).

### 4.3 FOCO NARRATIVO

O narrador proposto por Saramago, na obra em questão, apresenta diversos pontos de vista sobre a construção do convento de Mafra, sobre as figuras reais da História que são ficcionalizadas e também uma perspectiva das personagens fictícias, Baltasar e Blimunda.

#### 4.3.1 Um Narrador Inusitado.

Em *Memorial do Convento* há um narrador que oscila: em boa parte da narrativa, ele está em terceira pessoa, onisciente, já em outras surge em primeira pessoa, que é secundária e relata uma história que lhe acontece. Até se mostra manipulador, causando certo humor; conhece o futuro, revelando o que acontecerá na História. Ele é uma voz que controla a narrativa, evoca o passado para se posicionar ideologicamente sobre o presente e o futuro.

Ao isolar as falas das personagens, Saramago, utilizava-se de vírgulas, seguidas de letras maiúsculas. Não há verbos dicendi ou mesmo travessões os separando.

[...] e Marta Maria disse, Se estivéssemos prevenidos de que vinha vossa reverência, ao menos matava-se o galo, o resto que temos não é coisa que se apresente, Disso mesmo que têm é que eu comeria com gosto, mas é melhor para todos que cá não fique nem coma, e quanto ao galo, senhora Marta Maria, deixe-o cantar [...] (SARAMAGO, 2013, p. 133).

É difícil distinguir quando o narrador em terceira pessoa sai, para dar voz ao outro - o narrador em primeira pessoa:

[...] enquanto não vai corporalmente acabar em Angola, para onde irá degredado por toda a vida, e esta sou eu, Sebastiana Maria de Jesus, um quarto de cristã - nova, que tenho visões e revelações, mas disseram-me no tribunal que era fingimento, que ouço vozes do céu [...]. (SARAMAGO, 2013, p. 54, grifo nosso).

O narrador em terceira pessoa ora critica, ora desmistifica, ora apenas relata, ora traz à tona diversos sentimentos. Desta maneira, o leitor pode se surpreender, comover-se. “Não esperaria Blimunda que, ouvindo a música, o peito se lhe dilatasse tanto, um suspiro assim, como de quem morre ou de quem nasce, debruçou-se Baltasar para ela, temendo que ali acabasse quem afinal estava regressando”. (SARAMAGO, 2013, p. 205).

[...] foi o caso que certo clérigo, costumeiro em andar por casas de mulheres

de bem fazer [...] indo os oficiais e agarradores [...], a uma casa onde o clérigo já estava vivendo com outras inocentes mulheres, entraram, [...] assim dando vaza para que o padre saltasse, nu em pelo, [...] correram atrás do padre pugilista e garanhão, que já lá ia pela Rua dos Espingardeiros, e eram isto oito horas da manhã, [...], e ele de verga tesa, e bem apeirado, benza-o Deus, que um homem tão dotado o lugar dele não é a servir nos altares mas na cama de serviço às mulheres [...] (SARAMAGO, 2013, p. 87-88).

O narrador em terceira pessoa, onisciente, que interrompe e comenta um pensamento: “[...] se Deus quisesse que assim andássemos teria feito homens líliais, as mulheres felizmente já o são, mas vestidos lírios, Blimunda vestida ou não, que pensamentos são esses, Baltasar, que lembranças pecadoras, se agora vem a cruz da igreja patriarcal [...].” (SARAMAGO, 2013, p.170, grifo nosso).

Há momentos em que a história é antecipada pelo narrador sobre algum acontecimento futuro no romance: “[...] Inês Antônia, irmã de Baltasar, e o marido, que afinal se chama Álvaro Diogo. Trouxeram os filhos, um de quatro anos, só o mais velho vingará, porque ao outro hão de levá-lo as bexigas antes de passados três meses.”(SARAMAGO, 2013, p. 114, grifo nosso).

Ou mesmo sobre a História de Portugal, quanto ao terremoto que aconteceu em Lisboa em 1º de novembro de 1755. O efeito foi avassalador, destruindo toda a cidade e esta levou anos para ser reconstruída. O número de mortos foi exorbitante, muitos foram atingidos por destroços que desabaram, incêndios ou pelo tsunami que assolou a Baixa Lisboa. Estudos atuais relatam que, provavelmente, o terremoto chegou a 9 graus na escala Richter<sup>8</sup>.

Em um primeiro momento, Saramago retrata o que a notícia sobre um pequeno terremoto causa nas pessoas:

A Mafra chegaram soltas notícias de que em Lisboa se sentiu um terramoto [...] tudo quanto é mulher, ama, criada ou escrava, está de joelhos no oratório [...] enquanto os homens pálidos de morte, sem mouro ou tapuia em quem meter a espada, debulham as contas do rosário [...] (SARAMAGO, 2013, p.244-245).

A seguir, relata os estragos causados e anuncia o que acontecerá em 1755:

As ondas batem com tal força na praia deste sítio da Boavista, que os borrifos, levantados e levados pelo vento, vão cair de chapa, como chuveiros, contra os muros do convento das Bernardas e, mais longe ainda, do mosteiro de S. Bento. [...] mas, para grandes males, grandes remédios, se o terramoto passado tivesse sido maior, e extensa mortandade, assim mesmo se faria, enterrar os mortos e cuidar dos vivos, fica o aviso para o futuro se tal calamidade vier a acontecer, livre-nos Deus. (SARAMAGO, 2013, p. 245-246, grifo nosso).

<sup>8</sup> <https://brasilescola.uol.com.br/historiag/terremoto-lisboa-1755.htm>

O narrador também antecipa sobre a História Geral, referindo-se ao surgimento do cinema: “[...] nesta terra de Mafra não há pátios de comédias, não há cantarinas nem representantes, ópera só em Lisboa, para vir o cinema ainda faltam duzentos anos, quando houver passarolas a motor, muito custa o tempo passar, até que chegue a felicidade, [...]” (SARAMAGO, 2013, p. 243).

O cinema foi consagrado como arte, apenas nas primeiras três décadas do século XX.<sup>9</sup>

#### 4.4 O ESPAÇO

Os espaços em que ocorrem a ação são os de Lisboa e Mafra, em Portugal. São eles que abrangem a parte maior e agregam outros menores. É possível perceber a distinção no local em que coabitam ricos e pobres. “[...] Lisboa derramava-se para fora das muralhas, via-se o castelo lá no alto, as torres das igrejas dominando a confusão das casas baixas, a massa indistinta das empenas” (SARAMAGO, 2013, p. 40-41)

O mercado de peixe e o açougue onde Baltasar esteve assim que chegou em Lisboa são espaços físicos descritos pelo narrador:

As vendedoras gritavam desbocadamente aos compradores, provocam-nos, sacudiam os braços carregados de braceletes de ouro, batiam juras no peito onde se reuniam fios, cruces, berloques, cordões, tudo de bom ouro brasileiro, [...] Mas, no meio da multidão suja, eram miraculosamente asseadas, como se as não tocasse sequer o cheiro do peixe que removiam às mãos cheias. (SARAMAGO, 2013, p. 43).

A descrição do açougue: “Entrou no açougue que dava para a praça, a regalar a vista sôfrega nas grandes peças de carne, nos bois e porcos abertos, quartos inteiros pendurados dos ganchos. [...] tirando a sangueira, o lugar é limpo, com as paredes forradas de azulejos brancos [...]” (SARAMAGO, 2013, p. 43-44)

Em outro momento ainda, “[...] o teto todo toldado e forrado de tafetás encarnados e amarelos, repartidos em matizes vistosos, e as ilhargas cobertas de ricos panos de rás [...] cortinas de damasco carmesim, guarnecidas de galões e franjas de ouro.” (SARAMAGO, 2013, p. 145)

O local da construção do convento é retratado como uma "babel" em andamento, um lugar lamacento, com várias estruturas para abrigar os trabalhadores,

---

<sup>9</sup> <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/origem-cinema.htm>

o barulho de tiros arrebetando rochas, entulhos, barracões nos quais homens vivem em péssimas condições, dormem e comem em espaços compartilhados.

[...] estavam em Mafra muitos soldados, uns a auxiliar nos trabalhos das minas e do rebentamento dos tiros de pólvora, outros ara guardar os trabalhadores e castigar as desordens, e, a julgar pelo número de tendas de campanha, os muitos eram milhares. [...] que nova Mafra é esta, cinquenta moradas lá em baixo [...] (SARAMAGO, 2013, p. 238).

Há um contraste bastante relevante entre os espaços onde vivem a família real, a sagração da primeira pedra da basílica e os ambientes dos autos-de-fé, das procissões, da construção do convento e da família Sete-Sóis; o primeiro está cheio de ostentações, riquezas desmedidas. Os preparativos e adornos da basílica são feitos como se fossem uma inauguração apoteótica; já o segundo mostra a indigência dos trabalhadores do convento, a carência econômica de Baltasar e sua família, a vulgaridade das pessoas durante as procissões, e a desgraça de que se acometem os condenados pela aquisição. Tudo isso mostra a desigualdade social e econômica em que convivem as personagens do romance.

As descrições dos espaços são fornecidas por um narrador que guia o leitor pelos aspectos evidenciados por ele, bem como a apresentação das ruas, durante a procissão da penitência, faz com que o leitor seja aguçado pelos sentidos sensoriais: "Lisboa cheira mal, cheira a podridão, o incenso dá um sentido à fetidez, o mal é dos corpos, que a alma, essa é perfumada." (SARAMAGO, 2013, p. 29).

Outros espaços são a abegoaria, na quinta do duque de Aveiro em São Sebastião da pedreira, onde se alojam Baltasar e Blimunda durante a construção da passarola; o espaço real, o quarto da rainha e a descrição detalhada da cama, vinda da Holanda, comprada pelo monarca.

Já em Mafra, quanto à casa de João Francisco, pai de Baltasar, verifica-se no aspecto interno que não há muitas descrições, apenas a pobreza quando falam sobre os alimentos que dividem: "[...] foi à salgadeira e tirou um bocado de toucinho, que dividiu em quatro tiras, pôs cada uma em sua fatia de pão e distribuiu ao redor" (SARAMAGO, 2013, p. 112)

No externo, encontra-se o alto da Vela, local da construção do convento de Mafra: "[...] ao alto da Vela, donde se vê toda a vila de Mafra no seu buraco, ao fundo do vale. [...]" (SARAMAGO, 2013, p. 117).

E ainda, "[...] O sol já se pôs, Mafra, em baixo, é escura como um poço. Baltasar começa a descer, olha os marcos de pedra que delimitam os terrenos daquele

lado, pedra branquíssima [...] Estas pedras são o primeiro alicerce do convento.” (SARAMAGO, 2013, p. 119)

#### 4.5 O TEMPO

A narrativa se enuncia em um tempo passado ao tempo daquele que a escreve, porém a terminologia de “tempo”, assume divisões distintas em uma concepção geral. Pode-se nomear o tempo cronológico que determina o começo, o meio e o fim de uma história; o do momento atual do escritor e a época que está sendo retratada; o tempo psicológico que depende das relações internas na narrativa entre outros.

##### 4.5.1 O tempo da Narrativa e o Tempo Histórico

A história se passa no século XVIII, durante o reinado de D. João V. Inicia-se no ano de 1711 e termina em 1739. Desse modo, transcorre um período de vinte e oito anos. Sabendo-se que o rei e a rainha se casaram no ano de 1708, infere-se que 1711 é momento inicial da narrativa: "D. João, quinto do nome na tabela real, irá esta noite ao quarto de sua mulher, D. Maria Ana Josefa, que chegou há mais de dois anos da Áustria [...]" (SARAMAGO, 2013, p. 9).

Portanto, o tempo é cronológico, algumas marcas temporais aparecem no texto para comprovar os fatos, o que confere ao leitor algumas deduções para fixar o tempo.

##### 4.5.1.1 A Procissão

A procissão do Corpo de Deus acontece em oito de junho de mil setecentos e dezenove: "[...] por agora vai a procissão em meio, sente-se o calor da manhã adiantada, oito de junho de mil setecentos e dezanove [...]" (SARAMAGO, 2013, p. 169).

##### 4.5.1.2 O Voo da Passarola

Se padre Bartolomeu fez seu primeiro experimento em 1709, quinze anos depois é 1724, ano na ficção, em que Baltasar, Blimunda e Padre Bartolomeu voam

com a "passarola" por cima de Lisboa e Mafra. De acordo com a narrativa, o fato foi em meados de setembro do mesmo ano: "A máquina pousara num espaço coberto de mato rasteiro [...] a noite arrefecera muito, nem admira, setembro estava no fim e o dia não fora quente. [...]" (SARAMAGO, 2013, p. 226).

#### 4.5.1.3 Quando Blimunda reencontra Baltasar

Depois do desaparecimento de Baltasar, Blimunda, desesperadamente, iniciou suas buscas: "Nove anos procurou Blimunda. começou por contar as estações, depois perdeu-lhes o sentido.[...]" (SARAMAGO, 2013, p. 403).

Ela nada mais fazia, o tempo foi seu incansável acompanhante: "[...] Meteu-se pela Rua Nova dos Ferros, virou para a direita na igreja de Nossa Senhora da Oliveira, em direção ao Rossio, repetia um itinerário de há vinte e oito anos" [...]. (SARAMAGO, 2013, p. 404).

#### 4.5.1.4 Da Morte de Padre Bartolomeu Lourenço

A morte de Padre Bartolomeu aconteceu na Espanha, na cidade de Toledo no ano de 1724, aos 38 anos de idade.

Vim te dizer e a Baltasar, que o padre Bartolomeu de Gusmão morreu em Toledo, que é em Espanha, para onde tinha fugido, [...] Quando foi que morreu o padre Bartolomeu Lourenço, Diz que foi no dia dezanove de novembro, por sinal que nessa data houve em Lisboa uma grande tempestade, se o padre Bartolomeu fosse santo, seria um sinal do céu, Que é ser santo, senhor Escarlata, Que é ser santo, Blimunda. (SARAMAGO, 2013, p. 249).

#### 4.5.1.5. Guerra de Sucessão

A guerra se iniciou em nove de julho de mil setecentos e um e durou quase treze anos, terminando em sete de março de mil setecentos e catorze. Carlos II, rei da Espanha, morreu sem deixar herdeiros, o que desencadeou um conflito entre as monarquias europeias pelo trono espanhol, pois temiam uma união entre França e Espanha. Baltasar participou da guerra, porém quando se feriu, mutilando uma de suas mãos, é afastado da batalha. Chega em Lisboa por volta de 1711.

Sete-Sóis, mutilado, caminhava para Lisboa pela estrada real, credor de uma mão esquerda que ficara parte em Espanha e parte em Portugal, por artes de uma guerra em que se haveria de decidir quem viria a sentar-se no trono de

Espanha, se um Carlos austríaco ou Filipe Francês. (SARAMAGO, 2013, p. 36).

#### 4.5.2 O Tempo do Narrador e o Tempo Histórico

José Saramago retrata aspectos da História, marcadas no texto, misturadas à ficção. É necessário lembrar que o narrador de *Memorial do Convento* é irônico, crítico, para que se estabeleçam dúvidas quanto à veracidade dos fatos históricos, causando embate àqueles que dão a História oficial como certa.

Ele segue uma cronologia linear que acontece no século XVIII, porém está situado na contemporaneidade do leitor, o que não lhe impede de saltar no tempo para explicar o presente.

Assim ele nos reporta a fatos históricos verificados, pertencentes ao passado, como o início da construção do convento, a experiência de padre Bartolomeu com um pequeno balão, a invasão francesa e a sagração da basílica; ou um fato posterior, no presente dele, que seriam as visitas feitas ao Palácio Nacional de Mafra nos dias atuais.

##### 4.5.2.1 A Construção do Convento

O início da construção do Convento de Mafra é mencionado em: "[...] dezassete de novembro deste ano da graça de mil setecentos e dezassete, aí se multiplicaram as pompas [...]. Foi a pedra principal benzida, a seguir a pedra segunda e a urna de jaspe, que todas três iriam ser enterradas nos alicerces" [...] (MC, p. 148).

##### 4.5.2.2 A Experiência de Padre Bartolomeu

Com medo do Santo Ofício, Padre Bartolomeu conversa com Baltasar e Blimunda sobre o fato da sua intenção de voar ser considerada heresia, nessa situação, o ex - soldado diz: "[...] ainda há quinze anos voou um balão no paço" (SARAMAGO, 2013, p. 211).

#### 4.5.2.3 Atração Turística

Em outra ocasião, observa-se um gênero textual dentro do outro. É o que acontece no momento em que os homens estão trazendo a pedra de Pero Pinheiro:

[...] e tudo por causa de uma pedra que não precisaria ser tão grande, com três ou dez mais pequenas se faria do mesmo modo a varanda, apenas não teríamos o orgulho de poder dizer a sua majestade, É só uma pedra, e aos visitantes antes de passarem à outra sala, é uma pedra só, por via destes e outros tolos orgulhosos é que se vai disseminando [...]. Deve-se a construção do convento de Mafra ao rei D. João V, por um voto que fez se lhe nascesse um filho, vão aqui seiscentos homens que não fizeram filho nenhum à rainha e eles é que pagam o voto, que se lixam, com perdão da anacrónica voz. (SARAMAGO, 2013, p. 287-288, grifo nosso).

No primeiro grifo do trecho, a voz lembra o gênero roteiro turístico, iniciando a fala de um guia, quando, futuramente, o convento servirá às visitas. Ao final, o narrador pede perdão pelo anacronismo, referindo-se ao salto no tempo.

#### 4.5.2.4 Invasão Francesa

Passavam nesta altura uns vinte soldados de infantaria, armados como para a guerra, serão manobras, ou irão à Ericeira rechaçar um desembarque de piratas franceses, tantas vezes hão de tentar que um dia vêm por aí abaixo, muitos e muitos anos depois de estar concluída esta babel, entrará Junot em Mafra, onde no convento apenas ficaram uns vinte frades velhos, [...] foi mandado chamar frei Félix de Santa Maria da Arrábida, que era o guardião, mas o pobrezinho não tinha as chaves, isso era com a família real que tinha fugido, [...] (SARAMAGO, 2013, p. 236.).

O trecho se reporta ao fato de Napoleão Bonaparte, imperador da França, ter exigido que Portugal fechasse seus portos à Inglaterra, o que se chamou de Bloqueio Continental, decretado no ano de 1806.

Assim como Portugal tinha interesse em negociar com a França, também precisava satisfazer os seus interesses econômicos, que estavam vinculados aos ingleses. Em agosto de 1807, o governante francês expressou um ultimato ao português; ou este declarava guerra à Inglaterra até dia 1º de setembro ou sua tropa francesa atravessaria a fronteira portuguesa para invadir o território. Como Portugal não atendeu ao aviso, no mesmo ano, chegou a Lisboa, um general francês denominado Jean - Andoche Junot e seu exército, a mando de Napoleão, dizendo à população que vieram "salvar" Portugal da Inglaterra, mas o intuito era de capturar a família real. Esta, porém, já havia fugido para o Brasil.

#### 4.5.2.5 A sagração da Basílica

O ano era de 1728 quando o rei D.João ordenou que a sagração da basílica acontecesse em seu quadragésimo aniversário em 1730.

[...] os camaristas e os frades perguntando se era realmente verdade, consoante julgava saber, que a sagração da basílica se deve fazer aos domingos, e eles responderam que sim, segundo o ritual, e então el-rei mandou apurar quando cairia o dia do seu aniversário, vinte e dois de outubro, a um domingo, tendo os secretários respondido, após cuidados verificação do calendário, que tal coincidência se daria daí a dois anos, em mil setecentos e trinta. Então, é nesse dia que se fará a sagração da basílica de Mafra, assim o quero, ordeno e determino, [...] (SARAMAGO, 2013, p. 326).

#### 4.6. AS PERSONAGENS

Em uma entrevista concedida a Carlos Reis, sobre a origem das suas personagens, José Saramago responde:

Eu não quero dizer que um romance não possa, e com certeza que há inúmeros casos desses, inspirar-se diretamente num facto da vida real, com personagens que são representações de figuras reais; acho que sim, pode perfeitamente acontecer, mas de qualquer maneira tenho que me perguntar o que é que o D. João V do meu romance tem que ver com D. João V da realidade. Penso que minhas personagens saem todas da minha cabeça, neste sentido: não é que elas já cá estivessem antes, mas, no momento de escrever, as personagens de que eu necessito apresentam-se-me, sem que eu tenha um caderninho de notas. [...] (REIS, 2018, p.116).

Todas as personagens do romance Memorial do Convento são fictícias, mesmo sendo figuras reais da História.

##### 4.6.1 Personagens Históricas

**Bartolomeu Lourenço de Gusmão.** O "padre Voador". Tinha a mesma idade de Baltasar, parecia mais jovem e é mais baixo que o outro. Nascido no Brasil foi viver em Portugal quando tinha vinte e seis anos. Era um homem extremamente erudito, conhecedor de Filosofia, Alquimia, Geometria, um cientista, um verdadeiro sábio. Possuía pensamentos heréticos, vivia atormentado por dúvidas, inclusive, na religiosidade. Acreditava nos poderes sobrenaturais e defendia cristãos-novos. Foi o inventor da passarola, pois tinha o grande sonho de um dia poder voar. Mesmo sendo ridicularizado pelas pessoas, procurou de todas as maneiras concretizá-lo. O Rei D. João V tinha afeição por ele e ofereceu um local apropriado para que ele pudesse

realizar seus experimentos. Conheceu a mãe de Blimunda e, por meio dela, a filha. Acreditava que esta e Baltasar seriam a ajuda de que necessitava para alcançar o seu objetivo de voar.

**Domenico Scarlatti.** Era um músico italiano que tocava seu cravo para D. João V e foi professor da pequena Maria Bárbara. Ali conheceu o padre Bartolomeu, com quem adquiriu uma forte cumplicidade sobre o invento deste. Tornou-se o quarto elemento da "trindade terrestre", pois a sua música inspirava Baltasar e Blimunda, enquanto trabalhavam na passarola. Assim como curou Blimunda, quando ela esteve doente.

**D. Francisco, infante de Portugal.** Irmão de D. João V, tinha pretensões ambiciosas de ocupar o trono real. Fazia menções de amores à rainha com o intuito de conquistá-la para obter o que queria. Era um homem que "brincava" de matar marinheiros, como se fossem bonecos.

**D. João V. Rei de Portugal.** Apelidado de "o magnânimo", devido a grandiosidade de suas ideias, como o monumental Convento de Mafra. Casado com Maria Ana Josefa, mantinha relações extraconjugais, inclusive com freiras. Na história está em segundo plano, não sendo protagonista da história e aparece de maneira caricatural. Um homem deslumbrado que fez uma promessa, se a rainha lhe concebesse um herdeiro, ele ergueria um convento, que acabou tomando uma dimensão gigantesca. Para que seu sonho se realizasse, ele recrutou vários homens de maneira desumana e arbitrária, trazendo-os como escravos para trabalhar na construção.

**João Francisco Ludovice (Johann Friedrich Ludwig).** Arquiteto alemão, convidado pelo monarca para a construção de uma basílica como a de S. Pedro de Roma. Juntos chegaram a um acordo de que obra abrigaria trezentos frades.

**Maria Ana Josefa.** Rainha, casada com D. João V, aparece como personagem secundária. Uma mulher devotada ao marido e à religião. Agia como mera reprodutora dos filhos do rei e sabia de suas relações extraconjugais, porém se comportava de maneira piedosa, embora sonhasse com o cunhado, o infante D. Francisco. Quando percebeu que este também queria se casar com ela apenas para ter o título de rei, indignou-se e seguiu sua vida como boa esposa e mãe.

**D. Maria Bárbara, infanta.** Primeira filha de D. João V e Maria Ana Josefa. Foi fruto de uma promessa do rei para a construção de um convento. Recebeu lições de música de Domenico Scarlatti desde nova. Aos 17 anos foi encaminhada pelos pais à Madrid, na Espanha e se casou com Fernando, o sexto na tabela espanhola, dois anos mais novo do que ela. Era roliça, bexigosa e tinha cara de lua cheia.

#### 4.6.2 Personagens Fictícias

**Álvaro D vfiogo.** É um excelente pedreiro e foi ele quem levou o seu cunhado, Baltasar, para trabalhar na construção do convento. Acredita que tudo dará certo, sempre otimista com as obras do convento.

**Baltasar Mateus ou Sete-Sóis.** Nasceu em Mafra. Perdeu sua mão esquerda na Guerra de Sucessão e foi mandado de volta para casa. Passou a pedir esmolas nas ruas de Lisboa, mas sem o gancho e o espigão que tinha no lugar da mão, porque com eles, não recebia esmola. É um homem forte, ignorante, andava sujo, maltrapilho e descalço. No início, a mão lhe fazia falta, ainda podia sentir os dedos nela. Conheceu Blimunda, com quem viveu em concubinato, embora padre Bartolomeu os tivesse casado simbolicamente, e com ela manteve um amor sem explicação, totalmente envolvente, como se fossem predestinados um ao outro. Fez parte da construção da passarola. Dedicou-se bastante ao trabalho, representava a força braçal. Depois de voar, sentiu-se inteiro novamente e desapareceu por longos nove anos. Blimunda, depois de muito vagar a sua procura, reencontrando-o em situação extrema.

**Blimunda de Jesus ou Sete-Luas .** É uma personagem construída pelo autor, com elementos do fantástico ficcional, porque possui poderes especiais e sobrenaturais. É capaz de enxergar o interior das pessoas quando está em jejum. É uma mulher de bom coração, madura que não se deixa pressionar pelas convenções. Ela é inteligente, simples, dotada de uma sensibilidade aguçada, uma sacerdotisa. Ela tem consciência de que corre perigos, podendo ser considerada feiticeira pelo Santo Ofício. Na "trindade terrestre" representa o Espírito Santo pela capacidade de ver o que as outras pessoas não veem. Ela conduz o destino de todos que estão a sua volta, porém é sempre submissa a Baltasar. Além de seus dons, possui olhos misteriosamente indefiníveis; ora são cinzentos, verdes ou azuis, ora tornam-se negros ou brancos brilhantes. Padre

Bartolomeu a incumbiu de recolher as vontades humanas que seria o combustível para que a Passarola voe. Com o desaparecimento de Baltasar, Blimunda o procura incansavelmente por nove anos, passando fome, frio, como uma andarilha. Considerada louca, foi apedrejada, porém depois que encontra água puríssima para os habitantes de um local, torna-se santa para todos. No fim do livro, cabe o ato final a ela, assistiu ao final trágico de Baltasar e, por pertencerem um ao outro, recolheu as vontades dele para si. E uma nuvem fechada está no centro do seu corpo. Então Blimunda disse, Vem. Desprendeu-se a vontade de Baltasar Sete-Sóis, mas não subiu para as estrelas, se à terra pertencia e à Blimunda. (SARAMAGO, 2013, p. 405).

**Francisco Marques.** Vivia humildemente e era um dos trabalhadores da construção do convento. Reclamava e dizia que mesmo trabalhando, não conseguia melhorar de vida, mal dava para comer. Morreu esmagado por uma grande pedra que buscavam em Pero Pinheiro para compor a varanda do convento. Por um lapso, perdeu o calço no momento em que ela deslizava, matando-o.

**Inês Antônia.** Esposa de Álvaro Diogo e irmã de Baltasar. Tinha dois filhos, porém o mais novo morreu quando morre o segundo filho de D. João V com Maria Ana Josefa. Inês não consegue se conformar e está sempre pensando no filho que se foi.

**João Elvas.** Foi uma das primeiras pessoas que teve contato com Baltasar, quando este veio da guerra, chegando à Lisboa. Também foi soldado e vivia de pedir esmolas. Era um homem bastante perspicaz. Ele só reaparece na história quando o rei e a rainha levam a filha, Maria Bárbara, para o noivado que passará por Elvas, cidade de João Elvas, onde ele sempre quis voltar. Acompanhava a comitiva, vivia de esmolas com outros pedintes que também lá iam.

**João Francisco Mateus.** Pai de Baltasar casado com Marta Maria. Fica muito feliz com o regresso do filho com sua esposa, Blimunda. Vendeu parte de suas terras ao rei para que este construísse o convento em Mafra.

**José Pequeno.** Trabalhava junto aos bois na construção do convento. Era corcunda e dizia que as mulheres não o queriam por conta de sua má formação.

**Julião Mau-Tempo.** É um dos sete que estava na taberna quando Baltasar fala sobre ter chegado perto do sol. Ele retorna no episódio em que João Elvas, também amigo de Baltasar, está acompanhando a comitiva do rei. Descubrem que Baltasar é um conhecido em comum. Julião Mau-Tempo conta a conversa que ouviu sobre ele ter voado. João Elvas disse que se lembra do amigo, que perguntava sobre o padre Voador.

**Manuel Milho.** Um dos trabalhadores do convento e contador de histórias para a distração dos trabalhadores quando o fim do dia chegava. Era um dos sete que estavam na taberna quando Baltasar falou sobre ter voado perto do sol. Manuel Milho teimou, dizendo que era impossível, pois é preciso ter asas para que isso ocorresse e quem tem asas são os pássaros.

**Marta Maria.** É mãe de Baltasar. Quando este retorna maneta da guerra, ela fica muito triste. É uma esposa dedicada e uma mãe calorosa. Começa a sentir dores no abdômen e sabe que vai morrer. Quando o filho parte novamente, abraça-o chorando, dizendo que nunca mais o verá. Quando ouve que Sebastiana Maria de Jesus, mãe de Blimunda foi degredada por acharem que ela era feiticeira por ter visões e ouvir vozes, ela ataca: "Não há mulher nenhuma que não tenha visões e revelações, e que não ouça vozes, ouvimo-las o dia todo, para isso não é preciso ser feiticeira." (SARAMAGO, 2013, p. 111).

**Sebastiana Maria de Jesus.** Mãe de Blimunda. Condenada ao degredo em Angola por ter visões e ouvir vozes. Disseram que era invenção dela ou algum efeito demoníaco. Aparece apenas no início da narrativa, na procissão do Auto de fé. Consegue falar com Blimunda por pensamento, e esta a ouve. A mãe pede a ela que se junte ao homem que estava ao seu lado e pergunte seu nome: "[...] Sebastiana Maria de Jesus, nem o nome a salvou, degredada para Angola [...]" (SARAMAGO, 2013, p. 57).

## 5 CURIOSIDADES

Muitas informações em *Memorial do Convento* encontram-se implícitas e se associam à elementos de dimensão simbólica encontrados no místico, na numerologia e em intertextos literários.

## 5.1 À SEMELHANÇA DE ÍCARO

Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão assemelha-se a Ícaro, mito grego que tem o desejo de voar. A ambição do segundo é tanta que não se atêm as asas de cera produzidas por ele e, seduzido pelo sol, elas derretem, fazendo com que caia no mar Egeu e morra.

Assim é o padre Bartolomeu, encantado com o voo, é rendido pela sua própria invenção. Logo, nos dois casos o que se revela é a capacidade de ousar, o voo significa a libertação, ir além das fronteiras do seu tempo.

## 5.2 A TRINDADE TERRESTRE

Bartolomeu, Baltasar e Blimunda, nomes que se iniciam com a letra B. Na grafia maiúscula aparece o número 3, ocultado por um traço lateral, formando, pois, a trindade terrena como o Pai, o Filho e o Espírito Santo respectivamente. Padre Bartolomeu Lourenço, representa o vértice entre os dois outros. Reúne-se, portanto, a Ciência, o trabalho artesanal e a magia.

[...], o pai, o filho e o espírito santo, Eu e Baltazar temos a mesma idade, trinta e cinco anos, não poderíamos ser pai e filho naturais, isto é, segundo a natureza, mais facilmente irmãos, mas sendo-o, gémeos teríamos de ser, [...], Quanto ao espírito, Esse seria Blimunda, talvez seja ela a que mais perto estaria de ser parte numa trindade não terrenal, [...] (SARAMAGO, 2013, p. 188).

Em seguida se completaria com o quarto elemento, a arte, dominada por Domenico Scarlatti e sua música. Os números 3 e 4 somados levam ao número 7 – o número da perfeição.

Segundo ARNAUT (p. 162-163), Baltasar passa a ser o herói do romance, pois se é o filho do homem, assim como Jesus Cristo é o filho de Deus, este pagou pelos pecados dos homens e foi crucificado porque suas palavras incomodavam os poderosos; portanto, Baltasar, depois de aprender com o pai a seguir os caminhos do céu, descera à terra e sofrerá junto daqueles, por quem morrerá queimado em praça pública.

### 5.3 O NÚMERO SETE

O número sete, que compõe o nome de Blimunda e Baltasar, é muito citado na Bíblia e repetido no romance. Sete representa o número de dias da semana, o ciclo de mudanças da Lua, fechando os quatro ciclos, dar-se-á os vinte oito dias do mês.

O universo em movimento, dentro de sua totalidade, resulta na soma do número quatro, símbolo da terra com seus pontos cardeais, e do número três, símbolo do céu e da Santíssima Trindade. O sete é o número da perfeição, resultado da soma dos outros dois.

Logo, se o sete está associado ao sol, explica-se a alcunha de Baltasar e está ligado à Blimunda Sete-Luas de modo completo, pois dessa relação, esclarece-se o significado de sua morte.

Como a lua desaparece por um determinado tempo, ela permite elucidar o processo de passagem da morte à vida. Depois que Baltasar desaparece, cabe à Blimunda procurá-lo na sua sétima passagem por Lisboa, repetindo um itinerário de vinte e oito anos - sete vezes quatro.

O número três representado pela trindade terrestre (os 3B) mais o quatro (o quarto elemento, Domenico Scarlatti) somam sete.<sup>10</sup>

### 5.4 O RITUAL DE CASAMENTO

O momento da união de Blimunda e Baltasar na partilha da comida e da mesma colher reporta-se à partilha do pão e do vinho de Jesus Cristo em sua última ceia. As palavras ditas pelo narrador são semelhantes ao ritual de casamento e a bênção concedida pelo padre, ao final, sela a celebração.

O sinal feito por Blimunda, depois de ter se entregado a Baltasar no ritual da perda da virgindade, lembra o ritual cristão. "[...] Correu algum sangue sobre a esteira. Com as pontas dos dedos médios e indicador humedecidos nele, Blimunda persignou-

---

<sup>10</sup> <https://rl.art.br/arquivos/3472187.doc>

se, fez uma cruz no peito de Baltasar sobre o coração. [...] (SARAMAGO, 2013, p.59)

O sangue da virgindade evoca um ritual de passagem de vida em oposição à morte, e o sinal da cruz no peito de Baltasar demarca a união deles.

Os dedos, médio e indicador, são os mesmos utilizados pelos sacerdotes na unção dos santos óleos nos sacramentos. Desse modo, o gesto de Blimunda a coloca no plano de uma sacerdotisa.

Vinte e oito anos a contar do dia em que Baltasar e Blimunda se conheceram, o tempo de duração da narrativa (1711-1729).

Sete voltas ela dá, sete como os degraus do purgatório de Dante Alighieri: "Seis vezes passara por Lisboa, esta era a sétima." (SARAMAGO, 2013, p. 404).

"Sete bispos a batizaram, que eram como sete sóis de ouro e prata nos degraus do altar-mor, e ficou a chamar-se Maria Xavier Francisca Leonor Bárbara, [...] (SARAMAGO, 2013, p.77).

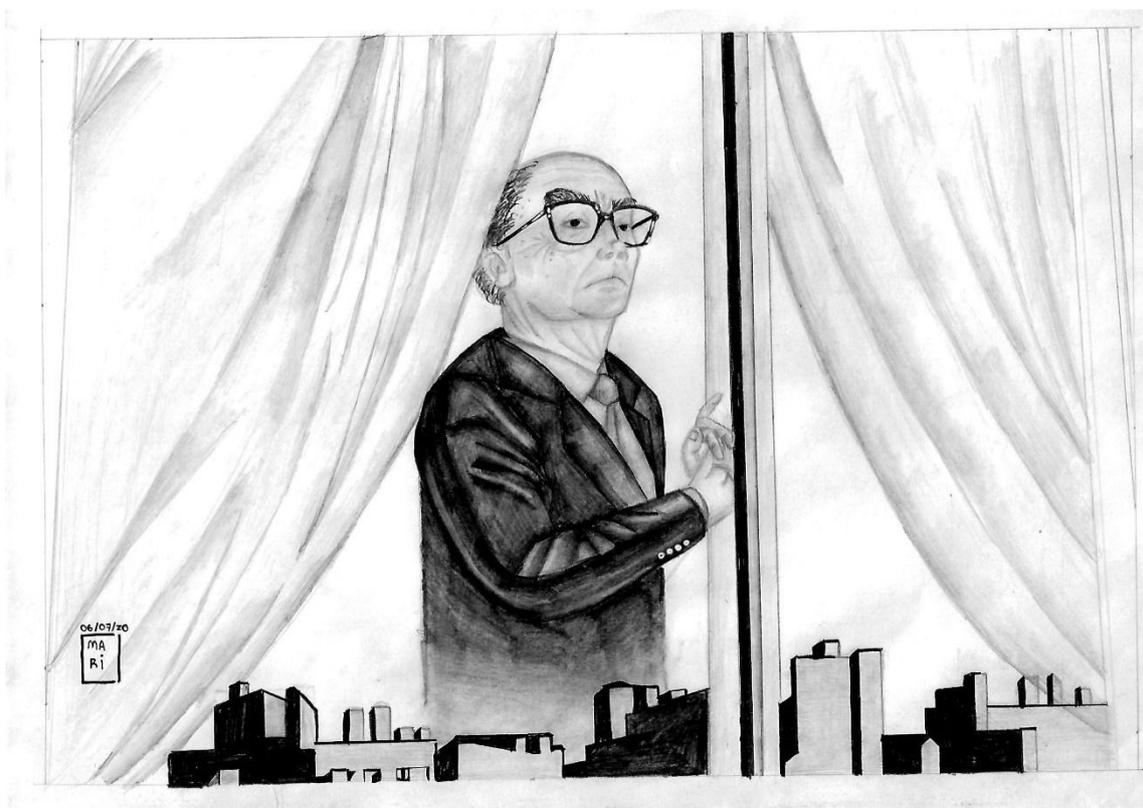
O sete aparece na data de inauguração da primeira pedra 17 de novembro de 1717.

Quando Blimunda volta da recolha das vontades daqueles que estavam morrendo por causa de uma epidemia, que já havia dizimado quatro mil pessoas em três meses, o número surge não como alcunha, mas como um número infinito, sugerindo quantidade. "Cansados da grande caminhada, de tanto subir e descer de escadas, recolheram-se Blimunda e Baltasar à quinta, sete mortícios sóis, sete pálidas luas, ela sofrendo uma insuportável náusea, como se regressasse de um campo de batalha, [...]" (SARAMAGO, 2013, p.201)



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta do Roteiro de Leitura sobre a obra *Memorial do Convento* explodiu como um desafio. Há muitas leituras acerca do romance, evidenciando aspectos de análise estrutural, linguística, temática, filosófica entre tantas. Todavia, ainda não existia um produto como este apresentado que envolveu uma análise não tão



complexa, mas também não menos significativa. Produzir o roteiro foi uma dinâmica que incluiu uma postura ética de escrita que me fazia lembrar a todo tempo: para quem estou escrevendo? Quem é meu leitor? Portanto, houve um trabalho minucioso, a fim de que se compreendessem as ideias contidas no romance.

Foi um processo analisado com a intenção primeira de que o escritor fosse conhecido como um indivíduo comum, desde o seu nascimento, juventude, o seu apreço por livros, o seu itinerário literário até chegar à sagração como Nobel da literatura portuguesa pelo conjunto de suas obras.

Em seguida, apresentou-se, em *Memorial do Convento*, as marcas do autor, quanto à estrutura, um pouco do enredo do mesmo, vinculando as particularidades do Novo Romance Histórico a todos esses aspectos.

E por se tratar deste contemporâneo conceito de romance histórico, fez-se

necessário salientar, neste roteiro, que ele difere, conseqüentemente, do convencional. Talvez uma das dificuldades encontradas seja esta: evidenciar a abordagem de uma obra fictícia, com figuras históricas, embora existentes no passado histórico, mas que se tornaram inventadas na narrativa. Entretanto, narra-se um acontecimento real – a construção do Convento de Mafra.

Outra coisa importante sobre este novo romance é a figuração do herói; espera-se uma personagem de grandiosidade da época, ou uma personagem fictícia que atenda aos antigos modelos clássicos de beleza e heroísmo. O que concerne vivacidade à história são estes heróis anônimos que não tiveram seus nomes perpetuados na história, os construtores do convento.

O intuito deste roteiro organizou-se no conceito de que a leitura de *Memorial do Convento* exige maior familiaridade do leitor. Trata – se de uma obra da literatura portuguesa, de José Saramago, dono de uma singularidade na escrita e, sobretudo, um autor que se utilizou de intertextos de cunho canônico, como padre Antônio Vieira, Fernando Pessoa, Luiz Vaz de Camões e, inclusive, a Bíblia. Esses intertextos necessitam de um elemento norteador, porque exige um público que já tenha domínio literário para divisar quando eles ocorrem. Salientando que, ao usá-los, o escritor, deliberadamente, espera que o seu leitor os identifique e compreenda a sua intencionalidade. Logo, a escolha do roteiro veio confirmar o fato de que estudar este romance, deveria se construir por meio de um gênero que o trabalhasse em etapas descritivas.

Este produto foi estruturado dentro de uma proposta para alunos do Ensino Médio, no entanto, adequa-se a todo aquele que tenha interesse nesta obra e, a partir desta, desperte para outras do mesmo autor.

Espera-se que este trabalho seja útil, auxiliando na leitura do romance com resultados satisfatórios.

## REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Fernando Gómez. **As palavras de Saramago**: Catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ARNAUT, Ana Paula. **José Saramago**. Coord. Carlos Reis. 1ª ed. Lisboa: Edições 70, 2008.
- BIRMINGHAM, David. **História concisa de Portugal**. Tradução de Daniel M. Miranda. 1ª ed. São Paulo: Edipro, 2015.
- CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- CERDEIRA, Teresa Cristina. **José Saramago entre a História e a Ficção**: uma saga de portugueses. Belo Horizonte, MG: Moinhos, 2018.
- FERRAZ, Salma. **Dicionário de personagens da obra de José Saramago**. Blumenau: Edifurb, 2012.
- KOCH, Ingedore G. Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade**: Diálogos Possíveis. São Paulo: Cortez, 2012.
- LOPES, João Marques. **Saramago - Biografia**. São Paulo: Leya, 2010.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 10ª edição, 2010.  
file:///C:/Users/biast/Downloads/Marcuschi%20(2010)%20Da%20fala%20para%20a%20escrita.pdf
- OLIVEIRA NETO, Pedro Fernandes. **Retratos para a construção do feminino na prosa de José Saramago**. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2012.
- REIS, Carlos. **Diálogos com José Saramago**. Pará: Ed. UFPA, 2018.
- SARAMAGO, José. **Memorial do Convento**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- VICHINKY, Flávio Garcia. **Camões e o outro Camões de José Saramago**. São Paulo: Ed. do autor, 2012.
- VIEIRA, Antônio. **Sermão de Santo Antônio aos peixes**. São Paulo: Poeteiro Editor Digital: Projeto Livro Livre, 2016. Disponível em:  
file:///C:/Users/biast/Downloads/Sermão%20de%20Santo%20Antonio%20aos%20Peixes%20-%20Padre%20Antonio%20Vieira%20-%20Iba%20Mendes.pdf Acesso em 26 ago 2021.